

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

CAMILA MARIA LONGO PLESZCZAK

**HISTÓRIA E LITERATURA: AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO EM ÉRICO
VERÍSSIMO**

CURITIBA/2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CAMILA MARIA LONGO PLESZCZAK

**HISTÓRIA E LITERATURA: AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO EM ÉRICO
VERÍSSIMO**

Monografia apresentada à disciplina de Estágio Supervisionado em Pesquisa Histórica como requisito para a conclusão do Curso de História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

Orientação: Prof. Dr^a. Roseli Terezinha Boschilia

CURITIBA/2013

AGRADECIMENTOS

Foram quatro anos de jornada para chegar até aqui. Não é apenas a conclusão de um curso e principalmente, de uma monografia, mas de uma etapa da minha vida, em que estiveram presentes pessoas que agregaram valor a minha formação acadêmica e pessoal.

Gostaria de começar agradecendo a minha orientadora, professora Roseli Terezinha Boschilia pela dedicação e paciência, pelas orientações, críticas e correções, essenciais para a realização deste trabalho. Agradeço também minha mãe, Valéria Cristina Longo Pleszczak, que ofereceu e possibilitou uma educação de qualidade, que acreditou e aceitou o caminho que escolhi percorrer, tão desacreditado por muitos, mas valorizado por aqueles que realmente importam.

Agradeço imensamente ao grupo PET História – Programa de Educação Tutorial, e a professora Renata Senna Garraffoni, que possibilitou a minha participação neste programa que foi fundamental para o meu desenvolvimento acadêmico nas áreas de pesquisa e educação. Além das experiências essenciais para minha formação, também tive a oportunidade de conviver com pessoas que ajudaram, com a amizade, as críticas e as trocas de vivência que foram fundamentais para o meu desenvolvimento pessoal.

A Universidade, além de ser um espaço de conhecimento e formação é um lugar de sociabilidade, no qual tive o prazer de conhecer pessoas que me ajudaram nos momentos bons e difíceis da graduação e da vida, fazendo dos meus anos dentro da faculdade os melhores possíveis. À Caroline Serpa, primeira pessoa que conheci na faculdade e hoje é uma das amigas mais importantes para mim. Também agradeço imensamente a Lana Baroni, uma pessoa inesperada que entrou na minha vida para ficar e fazer a diferença nesses anos de graduação, que ficou do meu lado quando muitos não estavam mais lá. À Natascha Eggers, minha companheira de sextas-feiras pela manhã que me deu credibilidade e muito ânimo para concluir minha pesquisa. Alguns não foram aqui nomeados, mas também são de grande importância para mim.

Às vezes precisamos de um ar diferente, e temos em antigos amigos aquilo que precisamos para relaxar e abstrair da seriedade do mundo acadêmico. Agradeço imensamente aos meus amigos Murilo Bodaneze, Ana Ribas, Ana Paula Oliveira e Aline Kachel, que me deram apoio desde o início da minha jornada e estão do meu lado neste momento final.

*Uma geração cai, e outra geração vem;
Porém a terra para sempre permanece.
E nasce o sol, e põe-se o sol,
E volta ao seu lugar donde nasceu.
O vento vai para o sul, e faz o seu giro
Para o norte; continuamente vai girando
O vento, e volta fazendo seus circuitos.*

Eclesiastes 1, 4-6

RESUMO

Partindo das relações entre História e Literatura, este trabalho analisa as representações de gênero nos capítulos *Ana Terra* e *Um Certo capitão Rodrigo*, pertencentes à trilogia *O Tempo e o Vento*. Através de estudos acerca da escrita da história num contexto literário e de sua produção, o estudo procura ressaltar aspectos presentes na obra de Veríssimo dialogando com a historiografia acerca das discussões de gênero na História. Observando as construções históricas, literárias e sociais da imagem da sociedade rio-grandense, buscamos compreender as percepções de Érico Veríssimo acerca das relações de gênero como fundamentais para a constituição de uma sociedade.

Palavras-chave: representações de gênero – Literatura – Rio Grande do Sul.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. DIÁLOGOS POSSÍVEIS ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA: DO CAMPO CIENTÍFICO AO FICCIONAL	4
2.1. A ESTRUTURA DA NARRATIVA: DA FORMA AO CONTEÚDO	4
2.2 O ROMANCE HISTÓRICO COMO CONVERGÊNCIA DOS CAMPOS.	10
2.3 HISTÓRIA E LITERATURA NO BRASIL	13
3. A CONSTRUÇÃO DE O TEMPO E O VENTO: AS INFLUÊNCIAS HISTÓRICAS E SOCIAIS	19
3.1. O CONTEXTO HISTÓRICO E LITERÁRIO DO RIO GRANDE DO SUL E DA TRAJETÓRIA DE ÉRICO VERÍSSIMO ATÉ <i>O CONTINENTE</i>	19
3.3. OS SUJEITOS HISTÓRICOS N’O CONTINENTE	26
4. ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO: ANA TERRA E UM CERTO CAPITÃO RODRIGO	31
4.1. ANA TERRA	31
4.2 UM CERTO CAPITÃO RODRIGO	39
5. CONCLUSÃO	44
6. FONTES	47
7. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	48

1. INTRODUÇÃO

Durante a graduação desenvolvemos, como critério de participação no Programa de Educação Tutorial (PET) de História, uma pesquisa com o objetivo de analisar as representações de gênero da literatura de Érico Veríssimo. Para isso utilizamos como fonte o capítulo *Ana Terra* da trilogia *O Tempo e o Vento*. Para este trabalho monográfico acreditamos ser pertinente a inserção de mais um capítulo, *Um certo capitão Rodrigo* por estabelecer relações diretas com o anterior por ser continuação da família ali presente, ressaltando a importância da manutenção do núcleo familiar e da constituição de uma memória a partir das figuras femininas aqui analisadas. Os capítulos estão inseridos no primeiro tomo da obra de Veríssimo, primeiramente publicado em 1949. *Ana Terra* tem sua narrativa situada em 1777 enquanto *Um certo capitão Rodrigo* se inicia em 1828. Ambos os capítulos narram a concepção da família Terra-Cambará a partir de um contexto de povoamento da região Sul do Brasil colonial e das incursões de forasteiros que causam conflitos na família Terra e alteram a dinâmica familiar.

Procurou-se, a partir das discussões construídas neste trabalho, compreender de que modo as relações de gênero tem papel fundamental para a construção de uma sociedade, considerando as relações de poder, mas procurando desvendar em que medida estas vão além da relação dominação/opressão. Procuramos entender qual a percepção de Érico Veríssimo acerca dos gêneros para a formação do Rio Grande do Sul entre os séculos XVIII e XIX e em que medida a figura da mulher rio-grandense é apresentada como sujeito histórico, assim como se desenvolvem as relações e interações entre os gêneros.

O primeiro capítulo intitulado “*Diálogos possíveis entre a História e a Literatura: do campo científico ao ficcional*” procuramos estabelecer os diálogos existentes entre a História e a Literatura a partir das críticas de autores contemporâneos quanto a cientificidade e objetividade requerida à História. Consideramos aqui a História como uma criação literária, que nessa forma, confere organização e sentido ao passado. Utilizamos então Hayden White para esta aproximação entre as estruturas e características das narrativas, assim como a utilização da ficção através da interpretação e inserções hipotéticas dentro do discurso histórico. Ainda, considerando as divergências entre a concepção de História para os autores, fundamentamos um diálogo com Chartier para contemplar as discussões dos limites do uso da ficção da narrativa. Paul Veyne e Sandra Pesavento colaboraram para a assertiva de uma história narrativa que não está isenta de

elementos estruturais da literatura, como a interpretação e a ficção necessária frente aos vestígios incompletos para uma representação do passado.

Ainda neste capítulo analisamos as estruturas de um Romance Histórico, um gênero que permite que a História e a Literatura se fundam a partir das representações ficcionais e das figurações realistas historicamente. Assim, Miguel Puga se tornou essencial para compreender a composição desse gênero a partir das suas considerações acerca da alocação ficcional em um contexto histórico. György Lukács nos permitiu entender de que modo a consciência histórica colaborou para a emergência do Romance Histórico assim como a importância da figuração de seus personagens, que, através de valores e costumes, reforçam o contexto histórico representado.

Acreditamos, por fim, ser pertinente analisar o desenvolvimento dos campos histórico e literário no Brasil. A partir de Salgado Guimarães e Renato Moscatelli em diálogos com Érico Veríssimo em sua obra sobre a literatura brasileira, traçamos o contexto brasileiro da historiografia e da literatura a partir das preocupações em comum entre os campos desde sua fundamentação com o IHGB e o romantismo oitocentista até a História da década de 30 e a emergência do modernismo com o Romances Sociais.

O segundo capítulo, “*a construção de O tempo e o Vento: as influências históricas e sociais*”, contempla o contexto histórico e literário que influenciou a escrita de Érico Veríssimo. A partir do cenário cultural porto-alegrense, buscou-se os espaços de conhecimento que foram essenciais para a construção de uma identidade regional enaltecida pela História e Literatura. Apresentamos os institutos que fundamentaram os modelos de produção como o IHRGS para a História e o *Parthenon Literário* para a Literatura. O espaço social responsável pela difusão da identidade e cultura rio-grandense era o CTG, que retomou desses campos intelectuais a imagem do gaúcho. A partir de Flávio Chaves, apresentamos a trajetória de Érico Veríssimo, desde o simbolismo regionalista, corrente literária predominante no Rio Grande do Sul até o engajamento em uma reflexão histórica e crítica social que permeiam a construção de *O Tempo e o Vento*.

Ainda neste capítulo acreditamos ser pertinente analisar de que modo a construção dos personagens femininos e masculinos dialogam com a História das mulheres, para tanto usamos Michelle Perrot e Rache Soihet para compreendermos em que medida Veríssimo se preocupou com a figuração de seus personagens a partir de seus espaços sociais estabelecidos e das relações de poder configuradas, como sujeitos históricos importantes para a formação rio-grandense.

Por fim, no terceiro e último capítulo, fazemos a análise das representações de gênero em *Ana Terra* e *Um certo capitão Rodrigo*, procurando articular a narrativa com o contexto histórico e social representado e enaltecer em que medida o autor insere as mulheres, dentro de uma relação de poder específica que molda as relações de trabalho e convenções sociais e de comportamento, como sujeito e agente histórico. Procuramos estabelecer em que medida as funções sociais baseadas no gênero especificadas durante a obra, tem um propósito social dentro de um contexto de insegurança e constante luta pela sobrevivência podendo ser recíproca. Por fim, procuramos enaltecer de que maneira Érico Veríssimo insere na narrativa histórica de formação da sociedade a interação dos gêneros como relação importante para a constituição social e familiar, tendo como ponto de apoio e de manutenção das relações e da memória a figura feminina.

2. DIÁLOGOS POSSÍVEIS ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA: DO CAMPO CIENTÍFICO AO FICCIONAL

2.1. A ESTRUTURA DA NARRATIVA: DA FORMA AO CONTEÚDO

Até o início do século XIX a História e a Literatura eram campos que se relacionavam. A corrida para legitimar a História como ciência, especificando métodos e normas afastou esses dois campos, delineando o objetivo de cada um deles. A literatura não tinha a intenção de representar a verdade e não estava sujeita ao rigor científico que era exigido da História, era uma arte. A História, por sua vez, estava sujeita a métodos científicos e técnicas que levariam à construção de seu pensamento e análise de seu objeto visando a verdade. Sendo assim,

No século XIX [a história], retornou à sua origem grega, especificamente Tucídides, e quis outra vez romper com a intuição poética, com a especulação filosófica, com a retórica literário-política, com a inspiração artística, com a fé, e inventou uma nova identidade: ciência. [...] passou a buscar fatos concretos, documentos, e a procurar estabelecer impossíveis leis de desenvolvimento histórico (REIS, 2003, p 102).

Tucídides era contra a estratégia de outros de seu tempo, tal como Heródoto, não confiando na oralidade e na memória, apenas nos documentos escritos. A lembrança não reproduziria o fato como realmente aconteceu. Tucídides procurou captar aquilo que verdadeiramente aconteceu, através de documentos, este sendo imutável, instrumento de garantia da fidelidade¹. Pesavento associa esta postura com o racionalismo cartesiano e com o cientificismo novecentista.

Este rigor exigido à História, voltado para a verdade e objetividade, assim como o seu *status* de ciência é questionado principalmente na década de 70, com autores como Paul Veyne e Certeau, a análise hermenêutica e a linguística de Ricoeur e Hayden White respectivamente². O dever de representar a verdade do passado de forma como realmente aconteceu, com a *objetividade do real*, sem a influência da *construção subjetiva do imaginário do autor*, dividir o real do não real teria sido superado por historiadores

¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Fronteiras da ficção**: diálogos da história e literatura. In: Revista História das Ideias. V.21, PP.33-57. Portugal. 2000. P.35-36.

² *Ibidem*. P. 37.

contemporâneos³. A presença do autor na criação desse passado estaria mais evidente, como sugere Sandra Jatahy Pesavento:

A clássica maneira de ser da história – construção de um saber com estatuto de ciência e objetivando a verdade – é substituída por outra, na qual as fontes, matéria-prima da história, são consideradas “indiciárias” daquilo que poderia ter sido e com as quais o historiador constrói sua versão. Neste caso, a história se reveste de uma função de criação, ao selecionar documentos, compor um enredo, desvendar uma intriga, recuperar significados (PESAVENTO, 2000, p.10).

Essa flexibilidade da narrativa histórica, constituída a partir de indícios, vestígios do passado, sendo a reconstituição, a construção e a representação do mesmo, levou a diversas críticas que questionam a possibilidade de um conhecimento histórico.⁴ José Carlos Reis nos aponta algumas dessas objeções, que situam o lugar do historiador na produção desse conhecimento, como sujeito distante de seu objeto, assim não poderia reconstruí-lo tal como foi, distanciando também a linguagem e significados, pois estes não seriam os mesmos do passado e sim da contemporaneidade e entendimento do historiador e seu presente, interferindo assim em seu discurso⁵.

A presença do historiador na sua própria produção levanta o caráter discursivo da escrita da história, em que esse discurso é produzido pelo sujeito a partir de um lugar temporal e espacial que moldam seus valores, sua ideologia, sendo então a construção de um discurso histórico sujeito a intervenções do seu produtor, desde a escolha das fontes ao seu recorte, passando pela metodologia e ideologia que o escritor utiliza, podendo ser esse discurso carregado de subjetividade. O que chega ao historiador são indícios, vestígios, e a partir deles se reconstitui parte da História, o autor preenche lacunas para dar sentido a sua narrativa.

Tomando a história como narrativa do passado, no século XX, o discurso historiográfico é analisado pelo viés da crítica literária, sendo avaliado pela sua forma – linguagem, estruturas narrativas. A história como narrativa almeja dar sentido aos acontecimentos, segundo Hayden White (1992, citado por TOZZI *et al.*, 2003).

³ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Literatura, História e Identidade Nacional**. In: Revista Vidya, UNIFRA, Santa Maria. V.33. Brasil.2000.

⁴ REIS, José Carlos. A especificidade lógica da História. In: _____ **História e teoria**, Historicismo, modernidade, temporalidade e verdade. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: FGV editora. 2006. P 97-177.

⁵ KRAMER, Lloyd S. Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick Lacapra. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. 1ª. Ed. São Paulo: Martin Fontes. 1995. P. 131-173.

[...] este valor atribuído a la narratividad em la representacion de acontecimiento surge del deseo de que los acontecimientos reales revelen la coherencia, integridad, plenitud e cierre de na imagen de vida que es y sólo puede ser imaginária (WHITE, 1992, *apud* por TOZZI *et al.*, 2003).

Assim, a história é uma criação literária, em que a linguagem, os significados e a estrutura narrativa produzem uma representação do passado a partir da interpretação do autor. A narrativa seria a única forma de contato com o passado organizado, conferindo sentido ao acontecimento e tornando reconhecível e familiar o que seria *problemático ou misterioso*.

Levando a crítica literária como ponto de análise, surge uma relação entre a narrativa histórica e a narrativa literária em que se embatem os seus referentes: os acontecimentos reais e os imaginários. Autores como Paul Veyne e Roger Chartier fazem esse tipo de questionamento e aproximam a História de um discurso ficcional, pois ambos são frutos de seleções, organizações e delimitações, porém confirmam a existência de um controle sobre a constituição do discurso para que esse não fuja da sua função final, o relato do passado real. Para Veyne⁶, a História é, antes de tudo, uma narrativa:

A história é uma narrativa de eventos: todo o resto daí decorre. Dado que ela é no conjunto de uma narrativa, não faz reviver tal como o romance; o vivido tal como sai das mãos do historiador não é dos actores. É uma narração o que permite eliminar alguns falsos problemas. Como o Romance a história seleciona, simplifica, organiza, faz resumir um século numa página e esta síntese da narrativa não é menos espontânea do que a da nossa memória quando evocamos os dez últimos anos que vivemos (VEYNE, 1987, p. 14).

Para este autor a História é passível de diversas interpretações, leituras e vai além do documento, que como indica, não apresenta o ocorrido em sua totalidade. Assim como o caminho a ser seguido do gênero histórico também é uma escolha, que delimita, exclui e direciona a narrativa histórica. Chartier⁷, por sua vez, aponta uma singularidade da História em sua função de reconstituição de um passado real,

Relato entre outros relatos, a história singulariza-se, porém, pelo facto de manter uma relação específica com a verdade, ou antes por suas construções narrativas pretenderem ser a reconstituição de um passado que existiu (CHARTIER, 1990, p.84).

e essa função distancia o campo histórico da ficção, o que assemelha

⁶ VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. Lisboa: edição 70, 1987.

⁷ CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990. Coleção Memória e Sociedade.

(...) não se encontra no objeto da história, mas das identidades retóricas fundamentais que assemelham História e Romance, representação e ficção (CHARTIER, 1990, p. 84).

Assim, a História apresenta sim uma função específica, porém ela não está isenta de estruturas e características que a distanciem por completo de uma narrativa Literária, cuja estrutura é ficcional, não está isenta de instrumentos de uma ficção. O que nos remete novamente à presença do autor na narrativa pela sua interpretação e construção da representação do passado. Segundo White, os historiadores devem interpretar os dados de seu material para selecionar o que contem no registro que será relevante em sua representação, assim como deverá incluir um relato de algum acontecimento que careça de fatos que gerem explicações plausíveis⁸. Portanto,

[...] o historiador precisa “interpretar” o seu material, preenchendo as lacunas das informações a partir de inferências ou de especulações. Uma narrativa histórica é, assim, forçosamente uma mistura de eventos explicados adequada e inadequadamente, uma congérie de fatos estabelecidos e inferidos, e ao mesmo tempo uma representação que é uma interpretação e uma representação que é tomada por uma explicação de todo o processo refletido na narrativa (WHITE, 2001, p. 65).

A interpretação – *explicação ou a história contada acerca dos fatos* (WHITE, 2001, p. 124) - que o historiador tem de seu material é situada na historiografia de três maneiras que Hayden White analisa: esteticamente, epistemologicamente e eticamente, referindo-se respectivamente à construção de um enredo, o modo de explicação e as implicações ideológicas⁹. Assim, para a construção da narrativa histórica, temos a presença do autor não só no conteúdo, mas na forma de seu discurso, de modo a nortear a representação do passado que pareça mais adequada para tal assunto abordado. Podemos ver assim que a estrutura da narrativa histórica está sujeita aos instrumentos presentes na narrativa literária, com alicerces que dão sentido ao discurso, esses por sua vez, inerentes à subjetividade do autor.

Além da estrutura narrativa, o conteúdo presente no discurso também estaria sujeito às intervenções do autor, conferindo assim a presença da ficcionalidade e da imaginação na tarefa do historiador (PESAVENTO, 2000, p.10). Porém, ressalta Pesavento, o critério de veracidade não foi excluído de seu objeto.

Não há dúvida que o critério de veracidade não foi abandonado pela história, assim como também seu método impõe limites ao componente imaginário. O

⁸ WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso**. Ensaio sobre a crítica da cultura. 2ª. Ed. São Paulo: Edusp. 2001.

⁹ *Ibidem*.

historiador continua tendo compromisso com as evidências na sua tarefa de reconstruir o real, e seu trabalho sofre o crivo da testagem e da comprovação, mas a leitura que faz de uma época é um olhar entre os possíveis de serem realizados (PESAVENTO, 2000, P.10).

A autora ainda considera que a História só é possível no âmbito da representação, afinal, as fontes – fragmentos e registros que chegam até nós – já são por sua vez uma representação do acontecido. O historiador tem a tarefa de reconstituir através de uma representação o que já está representado¹⁰.

Nesse sentido, a história teria a tarefa de reimaginar o imaginado, oferecendo uma leitura “plausível” e “convincente” do passado. Portanto, sob este enfoque, o mais condizente com o propósito de uma nova história cultural seria substituir o critério da “veracidade” pelo da “verossimilhança” (*ibidem*, p.11)

A ficção, como principal referente da literatura, também se preocuparia com a verossimilhança, pois seria uma forma de captar o real com limites maiores para a imaginação e a fantasia¹¹. Ainda segunda a autora, a história sendo narrativa do que aconteceu não seria mimese do passado, seria uma representação em que o narrador é intermediador entre o acontecimento visto ou ouvido e público¹². White aproxima a narrativa histórica da ficção quanto à produção de conteúdo e quanto à ocupação do historiador e do que ele chama de *escritores imaginativos*, ambos se ocupariam de eventos alocados em tempo e espaço que foram perceptíveis e observáveis, porém o segundo se ocuparia também de eventos imaginativos, hipotéticos e inventados¹³. Já para Chartier, a narrativa histórica e a de ficção *têm em comum uma mesma maneira de fazer agir seus “personagens”, uma mesma maneira de construir a temporalidade, uma mesma concepção de causalidade*¹⁴. Deste modo, a ficção não se distanciaria do real, mas acrescentaria a ele a fantasia e a imaginação e a sua estrutura narrativa, conferindo sentido aos acontecimentos reais ou não-reais seria semelhante a da narrativa histórica.

Hayden White e Roger Chartier se aproximam ao considerarem a História como narrativa em que há a utilização da imaginação do autor no processo de escrita, porém existe entre eles uma divergência considerável ao que concerne a epistemologia da

¹⁰ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Literatura, História e Identidade Nacional**. In: Revista Vidya, UNIFRA, Santa Maria. V.33. Brasil.2000.

¹¹ *Ibidem*.

¹² PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Fronteiras da ficção: diálogos da história e literatura**. In: Revista História das Ideias. V.21, PP.33-57. Portugal. 2000. p. 34.

¹³ WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso**. Ensaio sobre a crítica da cultura. 2ª. Ed. São Paulo: Edusp. 2001.

¹⁴ CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**. A história entre certezas e inquietudes. 1ª.ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS. 2002.

História¹⁵. Para Chartier a História é uma prática científica com suas especificidades, ou seja, dependente das variações de procedimentos técnicos e dos espaços de produção, tanto social quanto institucional. Podemos relacionar esta ideia com o questionamento do autor quanto à análise do discurso proferida por White, considerando as figuras de estilo como modos de compreensão da realidade histórica, sem considerar a conjuntura de produção, dando um caráter universal aos estruturadores, os tropos, desta¹⁶. Chartier também questiona a afirmativa de White de que a História não é ciência, mas um discurso que se iguala ao produzido pela ficção¹⁷, desconsiderando, segundo o primeiro autor, a realidade do passado e as operações críticas e interpretativas da pesquisa empírica. A explicação de White se remete ao modo narrativo, sendo este uma técnica de representação específica da escrita ficcional¹⁸, tendo o *fato* transformado em narrativa, a realidade e a ficção nessa forma não são passíveis de análise separada¹⁹.

Chartier explicita, através de Certeau, a presença da ficção na história, o que ele chama de fábula, porém reitera que existe uma dualidade na produção do historiador entre a criação e do que depende essa criação. Assim

A história é um discurso que coloca em ação construções, composições, figuras que são aquelas de toda escritura narrativa, logo, também da fábula, mas que, ao mesmo tempo, produz um corpo de enunciados “científicos”, se entendermos por isso “a possibilidade de estabelecer um conjunto de regras que permitem ‘controlar’ operações proporcionais à produção de objetos determinados” (CHARTIER, 2002, 100).

A narrativa histórica, portanto, se assemelha à narrativa literária, ou de ficção, desde sua estrutura ao seu conteúdo, porém sem fugir do seu objetivo específico representar a verdade. Uma representação que está norteadada pela subjetividade do autor, em que se encontram os lugares de produção, as escolhas temáticas, o sentido que a narrativa irá tomar e a linguagem presente, que familiariza contexto atual com o ali representado. Por fim, a narrativa histórica comportaria sim a ficção, desde as escolhas da estrutura do texto e a capacidade da imaginação criativa para construir e representar o passado²⁰. Porém, para Pesavento, mesmo existindo essa ficção, esta seria controlada pelos

¹⁵ MORAIS, Julierme . Os estudos históricos sob investigação: panorama das vicissitudes interpretativas do debate acerca da história como verdade ou ficção. **História e-História**, v. s/n, p. s/n-s/n, 2008.

¹⁶ MARQUEZ, Rodrigo Oliveira. **Teoria da História: Hayden White e seus críticos**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de Brasileira. 2008. P.134

¹⁷ *Ibidem* 135

¹⁸ *Ibidem* 136

¹⁹ *Ibidem* 137

²⁰ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Fronteiras da ficção: diálogos da história e literatura**. In: Revista História das Ideias. V.21, PP.33-57. Portugal. 2000. P.39.

documentos e fontes, que se impõem como vestígios do passado dos quais o historiador deve tomar como ponto de partida para seus questionamentos.

2.2 O ROMANCE HISTÓRICO COMO CONVERGÊNCIA DOS CAMPOS.

A História permite a ficção em seu conteúdo quando alocada na Literatura, em que se torna palco para personagens e acontecimentos pertencentes à imaginação. Este seria um subgênero literário, o Romance Histórico, que nos permite analisar representações ficcionais de figuração realista historicamente.

Para uma definição de Romance Histórico, utilizamos as concepções de Rogério Miguel Puga em *O essencial sobre o romance histórico*²¹. Para o autor, esse modelo de escrita é um subgênero da literatura que *supõe a existência de referentes extratextuais verificáveis que sustentam parte da rede de significações do texto ficcional* (PUGA, 2006, p.3), respectivamente a História e a ficção. Quanto à narrativa, Puga pondera o romance como gênero e a história como *fenômeno capaz de ser textualmente reproduzido*. A caracterização desse subgênero como instrumento narrativo em que o passado é elemento referencial, sendo a ficcionalidade o ponto de partida para a construção do mundo presente no Romance Histórico, o mundo possível²², um mundo ficcional verossímil em que os elementos ficcionais realistas produzem o efeito do real²³.

Alguns autores apresentados por Puga, como Robert e McEew caracterizam esse subgênero como híbrido, o primeiro aborda a consciencialização entre o presente da representação e o passado representado, enquanto o segundo defende o romance como ficção e a história como componente da trama, porém fruto da imaginação do romancista²⁴. A presença da histórica na narrativa garante marcadores de passagem de tempo, episódios e personagens históricos se relacionando com ações e fatos ficcionalizados do romance²⁵. Assim, a natureza híbrida do Romance Histórico *dimensiona uma narrativa ficcional em que os elementos espaço-temporais específicos de uma dada época são predominantes*. (PUGA, 2006, p. 6), ou seja, a ficcionalidade se aloca em um contexto da narrativa que representa uma determinada época histórica, sendo coerentes as relações espaciais e temporais ali presentes.

²¹ PUGA, Miguel. **O Essencial sobre o romance histórico**. Imprensa Nacional da Casa da Moeda, 2006.

²² *Ibidem* .p.13

²³ *ibidem* . p.15

²⁴ *Ibidem* p. 4

²⁵ *Ibidem* p.6

György Lukács nos apresenta a gênese desse gênero propriamente dito em sua obra *o Romance Histórico*. Este surgiu no século XIX, anteriormente, como aponta o autor, existiam romances com temáticas históricas, podendo ser considerados precursores do Romance Histórico oitocentista, porém, muitos desses, eram referentes à própria época do escritor²⁶. Segundo Lukács, a obra que marca o surgimento do Romance Histórico do século XIX seria *Waverley* de Walter Scott.

O que o Romance Histórico traz de novo na literatura é a consciência histórica na narrativa, e, como aponta Lukács, essa consciência é exterior e anterior a própria escrita do Romance. O solo em que o Romance Histórico surgiu é datado por volta da Queda de Napoleão, anteriormente a isso a Europa vivenciou diversas revoluções que *fizeram da história uma experiência de massa*²⁷. Isso quer dizer, a percepção acerca das mudanças muda de algo que seria de natural ocorrência para algo historicamente vivenciado. Assim

Se a essa experiência vem unir-se o reconhecimento de que tais revoluções ocorrem no mundo interior, fortalece-se extraordinariamente o sentimento de que existe uma história, de que essa história é um processo ininterrupto de mudanças e, por fim, de que ela interfere diretamente na vida de cada indivíduo (LUKÁCS, 2011, p. 38).

Essa experiência das massas gera no indivíduo a consciência da sua existência como algo *historicamente condicionado*, a história se torna determinante dessa existência.²⁸ Essa convulsão de consciência do homem teria formado assim as bases econômicas e ideológicas para o surgimento do Romance de Walter Scott (LUKÁCS, 2011, p 46-47).

A análise de alguns pontos da estrutura do Romance Histórico de Walter Scott apontados por Lukács são importantes para pensarmos a constituição do Romance Histórico de Érico Veríssimo, como por exemplo, o contexto de produção. Na análise de uma obra literária é importante recorrer ao contexto de produção para entender o que motiva e o que influencia a escrita do autor de uma obra. Podemos fazer essa comparação com a escrita da história, como já citado anteriormente, de que modo os lugares de produção e os valores subjetivos do autor influenciam sua obra. A escrita de *O Tempo e o Vento* se deu de 1935 a 1948 com a publicação em 1949. A literatura dos anos 30 realçou essas mudanças na sociedade, com ênfase nas mudanças específicas de cada região, e Érico Veríssimo especifica os problemas sociais e políticos de formação de sua terra num

²⁶ LUKÁCS, György. **O Romance Histórico**. 1ª. Ed. São Paulo: Boitempo editorial. 2011. p. 33.

²⁷ *Ibidem*.p.38.

²⁸ LUKÁCS, György. **O Romance Histórico**. 1ª. Ed. São Paulo: Boitempo editorial. 2011. p. 41.

período em que ocorriam mudanças estruturais na sociedade, na economia e na política nacional que afetaram a modernização e a industrialização nesse âmbito, que por sua vez, afetaram a sociedade.

O modo de construção da narrativa através da ênfase na figuração dos personagens na narrativa de Scott também se torna um elemento essencial para entender a configuração da construção de Érico Veríssimo. Os personagens de um Romance Histórico, reais ou ficcionais devem estar alocados no tempo da narrativa, a História seria a guiadora da criação destes, quais devem surgir *a partir do ser da época, jamais explicando a época a partir de seus grandes representantes históricos*²⁹. A história como meio em que a ação acontece no romance histórico deve ser revivida de maneira que seus personagens correspondam ao que devem figurar, assim, a estratégia de Scott estaria em *retratar de maneira mais ampla possível essa correlação entre o homem e seu ambiente social*³⁰.

Não só um contexto histórico espaço-temporal molda a referência histórica de um Romance, o personagem ficcional ou real é de suma importância para tal caracterização. Puga também aponta, a partir de Cowart, a importância da consciência histórica que é *manifestada através das ações dos personagens* (PUGA, 2006, p.7), indo ao encontro com a importância dada aos personagens de Walter Scott. A disputa social e o desenvolvimento histórico da Inglaterra são presentes na obra de Scott, mas o que dá o tom para tal contexto são seus personagens e suas ações que correspondem aos movimentos populares representados. Portanto, no Romance Histórico

Trata-se de figurar de modo vivo as motivações sociais e humanas a partir das quais os homens pensavam, sentiram e agiram de maneira precisa, retratando como isso ocorreu na realidade histórica. E é uma lei da figuração ficcional – lei que em um primeiro momento parece paradoxal, mas depois de mostra bastante óbvia – que, para evidenciar as motivações sócias e humanas da ação, os acontecimentos mais corriqueiros e superficiais, as mais miúdas relações, mesmo observadas superficialmente, são mais apropriadas que os grandes dramas monumentais da história mundial (LUKÁCS, 2011, p. 60).

Para Lukács a importância do elemento histórico no romance está na medida em que este elemento está presente nas ações e reações dos personagens, o que ele chama de crise histórica influenciando a sociedade. E é a partir dos personagens que Walter Scott autentica o momento histórico da narrativa, em que elementos do ser são frutos desse momento.

²⁹ *ibidem* p.56.

³⁰ *Ibidem.. P.58*

Ele nos familiariza com as peculiaridades históricas da vida psicológica de sua época não por meio de análise ou da explicação psicológica de seus conteúdos mentais, mas pela ampla figuração de seu ser, pela demonstração de como as ideias, sentimentos e modos de agir brotam desse solo (Ibidem, p.69).

Assim, a análise que recai sobre os personagens de um Romance Histórico, o principal elemento ficcional, tal qual como o de Veríssimo, se torna essencial para construir o panorama histórico e social da época reconstruída no romance, de modo a enfatizar a presença da estrutura histórica na escrita do autor aqui qualificado.

2.3 HISTÓRIA E LITERATURA NO BRASIL

No século XIX, após a independência do Brasil, a História e a Literatura trabalharam em prol de um mesmo objetivo: a construção de uma identidade nacional. Os primórdios da historiografia tem uma forte relação com a questão nacional, parte de uma importante discussão oitocentista: *O debate sobre a questão da Nação e o caminho para uma integração nacional, tão ampla quanto possível, de todos os ambientes do Estado surgido no ano de 1822* (GUIMARÃES, 2011, p.26). Estas questões vinham ao encalço da produção do pensamento histórico que emerge nesse século como ciência e se articula com a problemática da nacionalidade.

A relação entre a independência e a identidade nacional foi fundamental para a afirmação de nação, esta configurada na civilização, que, segundo Guimarães, eram elementos orientadores das atividades intelectuais e políticas³¹. A produção historiográfica do Brasil esteve vinculada ao próprio processo e momento histórico, e a uma instituição legitimadora inaugurada em 1838 que recebeu respaldo financeiro e de influência do próprio Imperador, o Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, configurando uma dependência do Instituto com o Estado. Primeiramente o novo órgão se localizou na sede do SAIN – Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, onde se fundou a nova organização, e em 1849, com a sede do IHGB instalada no Paço da Liberdade, essa relação se estreitou³².

Nesse primeiro momento do Instituto, a suas atribuições consistiam

[na] coleta e publicação de documentos relevantes para a história do Brasil e o incentivo, ao ensino público, de estudos de natureza histórica. Estes primeiros

³¹ GUIMARÃES. Manuel.L.S. **Historiografia e nação no Brasil 1838-1857**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ. 2011. P. 50.

³² *Ibidem* p. 74.

estatutos estabelecem também as pretensões do IHGB em manter relações com instituições congêneres, quer nacionais, quer internacionais, e em constituir-se numa central, na capital do Império, que, incentivando a criação de institutos históricos provinciais, canalizasse de volta para o Rio de Janeiro as informações sobre as diferentes regiões do Brasil (GUIMARÃES, 1988, p. 8).

O Instituto procurou interligar todas as regiões no projeto nacional, assim como os ideais de uma política centralizada. Mesmo frente à dificuldade que a heterogeneidade dos personagens que compõem a nação brasileira, se propõe uma homogeneidade e uma originalidade e especificidade para a identidade nacional. Mesmo diferenciando o “outro”, a nação brasileira não se constrói oposta a antiga metrópole, Portugal, mas como continuadora da tarefa civilizadora da colonização. O “outro” é definido internamente, sobrepujando e excluindo o índio e o negro, colocando como personagem central da Nação brasileira o branco, para esclarecer a noção de civilização. O “outro” externo é visualizado nas repúblicas latino-americanas³³.

Porém, o período de constituição e afirmação do IGHB, ressaltado por Guimarães, encontrou-se junto as turbulência do Estado Nacional, em que diversas revoltas desestabilizavam a unidade e a centralização política. A partir dos anos de 1850 o governo se estabilizou e conteve as revoltas. Este novo cenário transformou as atividades do Instituto.

É preciso observar que, nesse cenário, houve transformações e ampliação das atividades do instituto, o que tem como consequência a profissionalização de seu trabalho, aprofundando entrelaçamento entre Estado e o IHGB a partir da historiografia. No processo de consolidação do regime, tanto em seus aspectos políticos quanto econômicos, a historiografia ganhou um peso cada vez maior em relação à história do Estado (GUIMARÃES, 2011, p. 78).

As atribuições aos integrantes do Instituto consistiram em produção próprias, tornando o ingresso à organização limitado àqueles que contribuísem cientificamente para o IHGB, orientados por diretrizes nomeadas pelo Imperador.

Além das influências políticas, as propostas do IHGB se fomentaram no bojo das ideias iluministas, estas diferentes do Iluminismo Francês, não sendo anticlerical frente ao catolicismo e a política conservadora do Estado lusitano³⁴, mas ansiando o desenvolvimento do homem a serviço do Estado. Os fundadores do IHGB se formaram nesses ideais portugueses fomentados pela Universidade de Coimbra. Os membros

³³ GUIMARÃES, Manoel L. S. *Nação e civilização nos trópicos: o IHGB e o projeto de uma História nacional*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, 1(1): 05-27, 1988. P. 7.

³⁴ GUIMARÃES, Manuel.L.S. **Historiografia e nação no Brasil 1838-1857**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ. 2011. P. 95

agregados posteriormente vinham de uma influência francesa, de um intenso contato com o Instituto Histórico Frances.

Herdeiro de uma tradição marcadamente iluminista e vivenciado como tal por seus membros, o instituto propõe-se a levar a cabo um projeto dos novos tempos, cuja marca é a soberania do princípio nacional enquanto critério fundamental definidor de uma identidade social. (GUIMARÃES, 1988, p.8)

Mas para conciliar esse ideal iluminista com a construção de um projeto nacional desde sua gênese, com mitos e representações e considerando-a objetiva, inseriu-se o projeto dessa gênese a uma tradição de civilização e progresso. É preciso entender que a herança da escola ilustrada mostra no Brasil a tendência da produção apenas de uma parcela pequena da sociedade, uma elite letrada. Os fundadores também, além de fazer parte de uma camada de burocratas e militares, muitos deles eram nascidos em Portugal, fortalecendo a relação da produção com o Estado, relação que se estreita com a mudança da sede do Instituto para o Paço Imperial, e com a participação cada vez mais assídua do Imperador, que ditou novas atribuições e orientou os estudos dos intelectuais.

A Historiografia que surgiu no IHGB, tendo Varnhagen como principal modelo de escrita perdurou até 1930, que, segundo Reis, a corrente do descobrimento do Brasil, pautado na continuidade dos laços portugueses, em que o progresso viria sem a ruptura dessa relação³⁵. Já de 1900 à 1960/70 o autor apresenta a corrente do redescobrimto, pautado na ruptura dos laços lusitanos, voltado para um Brasil original e singular³⁶.

A Historiografia brasileira, em todas suas vertentes, sempre esteve preocupada em identificar e construir o sujeito brasileiro, a identidade social, cultural, as construções políticas e econômicas da nação. Nos anos de 1930 houve uma intensa reinterpretação do processo histórico, que, segundo Moscateli:

Uma fase que ficou marcada pela produção de coerentes explicativas que buscavam compreender a sociedade brasileira à luz de certas teorias e métodos que eram vistos por seus defensores como instrumentos válidos para decifrar o enigma da constituição de sua nação (MOSCATELI, 2000, 188).

Nos anos 30, assim como pós-independência, procurou-se estabelecer uma identidade nacional, essa por sua vez, sendo objeto do estado, uma questão político-

³⁵ REIS, José C. **Introdução**. In: *As identidades do Brasil, de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. 16.

³⁶ *Ibidem*. p. 17

ideológica³⁷, enquanto os intelectuais se preocupavam em entender quem era esse homem brasileiro e como tinha se construído retomando o passado colonial. Assim, Caio Prado Jr retoma, a partir dos processos econômicos que fundamentaram a colônia e aquela sociedade, as questões nacionais impostas em sua conjuntura de publicação³⁸. Sérgio Buarque de Holanda, por sua vez, volta a sua investigação para a cultura e de que modo a europeia se instalou na colônia, e como esta está na base da identidade brasileira³⁹. Gilberto Freyre aponta a formação d sociedade no Brasil como *adaptação de diversas culturas ao meio tropical*, nas relações antagônicas e ao mesmo tempo harmoniosas⁴⁰.

Assim, a Historiografia de 30 retoma a preocupação com a identidade do homem brasileiro, quem é esse sujeito, novamente frente a uma demanda do Estado e do momento de crise das oligarquias e a própria revolução de 30.

A Literatura foi outro instrumento de construção dessa identidade, porém não podemos dar um modelo exato e uma homogeneidade ao seu estilo tal qual a historiografia. Além de diversas influências da própria formação do Brasil na Literatura e no folclore, fruto da miscigenação e convívio de diferentes raças, Érico Veríssimo, em sua conferência sobre Literatura brasileira em Berkeley, aponta fatores regionais nos gêneros literários, em que clima, raça, tradições, paisagens e economia moldam a escrita⁴¹.

Nos primeiros séculos da colonização portuguesa no Brasil, a literatura sofreu forte influência das correntes literárias europeias, primeiramente com a classicismo, e logo após, com a ligação política entre Portugal e Espanha, os jovens senhores da colônia estudantes em Coimbra, trouxeram os traços do gongorismo para o Brasil⁴². Seria Gregório de Matos, segundo Veríssimo

A primeira voz nativa a ser ouvida na literatura brasileira, o primeiro escritor a usar alguma gíria nacional em sua poesia e a traduzir em linguagem poética algo do sentimento do povo (VERÍSSIMO. 1995, p. 35)

No século XVIII, segundo o autor, surgiu a consciência social, olhares para o povo e seus problemas a partir dos escritores, e no fim desse século, se deu a passagem do Arcadismo para o Romantismo do século XIX, o estilo literário que teve preocupações

³⁷ VELLOSO, Monica Pimenta. **Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo**. In: FERREIRA, Jorge ; Lucília de A. N. DELGADO (Orgs.). O Brasil republicano. O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, pp. 145-180.

³⁸ MOSCATELI, Renato . Um redescobrimto historiográfico do Brasil. Revista de História Regional, Ponta Grossa, v. 5, 2000. P. 191.

³⁹ *Ibidem*, p. 191-192.

⁴⁰ *Ibidem* p.196.

⁴¹ VERÍSSIMO, Érico. **Breve história da literatura brasileira**. São Paulo: Editora Globo. 1995. P.22.

⁴² *Ibidem*. P. 31

paralelas com o IHGB. Com a chegada da família real no Brasil em 1808, criou-se imprensa no território brasileiros, livros foram publicados e com publicações de jornais houve a circulação de pensamento, esse com influência europeia advinda da Revolução Francesa, cujo escritores brasileiros tentaram adaptar ao seu ambiente e aos problemas do povo⁴³.

Ainda no início do século, o romantismo dava seus primeiros passos com as preocupações políticas e filosóficas dos escritores, assim como um rechaço à influência portuguesa na escrita e a imitação da francesa⁴⁴. A independência do Brasil foi um terreno propício para a difusão do romantismo.

A própria constituição que surgira sobre o corpo morto do absolutismo falava uma língua romântica. As palavras liberdade, igualdade e humanidade tinham um sabor dos mais românticos. [...] o Romantismo oferecia um padrão literário e artístico para os que não estavam satisfeitos com a realidade [...] O romantismo afirmava que todos os homens eram naturalmente bons, mesmo os selvagens. [...] Mas a Tónica do romantismo não era só alegria desenfreada ou simples contentamento em paz com o céu e a terra. Era a tristeza, a melancolia, a dúvida e as vezes o desespero (VERÍSSIMO, 1995, p.50).

Entre os principais representantes do Romantismo no Brasil, têm-se os poetas Gonçalves Dias e Castro Alves, o primeiro indianista, exaltando o nativo e a natureza, enquanto o segundo tinha a consciência social, utilizando do realismo para transmitir sua preocupação com o tema da escravidão. Quanto ao romance em prosa, um dos mais significantes autores foi José de Alencar, que, assim como Dias, foi indianista, retratando o heroísmo indígena em obras como *Iracema* e *o Guarani*. Bernardo Guimarães com seu romance *A escrava Isaura*, trouxe para a prosa o tema da abolição, enquanto Visconde de Taunay descrevia o sertão e seus habitantes em *Inocência*. Porém, a imagem imposta às representações dos indígenas e mestiços era idealizada.

Nesses poetas e romancistas podemos notar a insurgência de questões nacionais tal qual surgiram no IHGB, o lugar social dos integrantes da nação que emergia, porém traçando um perfil de preocupação com as questões sociais que vinham ao encalço das transformações políticas, econômicas e culturais no Brasil.

Ainda no século XIX outros estilo de escrita apareceram, o Parnasianismo e o Simbolismo, o segundo com poucos adeptos no país. No início do século XX a influência romancista ia de Eça de Queiroz à Walter Scott⁴⁵. O início o período Republicano no Brasil

⁴³ *Ibidem*, p. 46.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 47

⁴⁵ *Ibidem*. P.87.

foi bastante conturbado, trazendo a tona graves problemas sociais dos quais o governo não tinha dado conta. Ao enalço desses problemas e a eclosão da Revolta de Canudos, Euclides da Cunha, com *Os Sertões*, narrando esse episódio histórico fez surgir um novo tipo de literatura.

E depois da publicação de *Os sertões*, brotou no Brasil, com a exuberância da flora tropical, um tipo de literatura regional cujo heróis eram gente do interior e cujas paisagens eram nativas, como nativos eram, também, seus problemas, conflitos e paixões (VERÍSSIMO, 1995, p.94).

Na década de 20 insurge o movimento Modernista no Brasil, um movimento revolucionário que pretendia a renovação das artes no país, dando um caráter nacional e atual a esta⁴⁶. As mudanças dos padrões estéticos da literatura modernista vinham ao enalço das transformações na sociedade, atendendo a demanda de uma nova realidade. Com os novos caminhos estéticos consolidados, a década seguinte foi o momento em que a ideologia moldou a literatura modernista. Nos anos 30 e 40, política, ideologia e cultura andaram juntas e na literatura, emergia novamente o romance regionalista. Jorge Amado e José Lins do Rego são alguns nomes dos que se ocuparam de traçar um romance voltado para a pobreza do nordeste⁴⁷. A literatura dessa época, não só a ficcional, se envolvia com os problemas de sua conjuntura, como já aqui citado, alguns intelectuais de 30 buscaram rever a constituição da sociedade brasileira enquanto os romancistas escreviam sobre os problemas da sociedade em âmbito regional. Nesse cenário modernista, preocupado com a sociedade no âmbito regional que Érico Veríssimo escreve seu romance *O Tempo e o Vento*, traçando a história do Rio Grande do Sul sob as relações que se estabelecem entre indivíduo e sociedade.

Assim, tanto a história e a literatura estiveram preocupadas com as questões sociais do país. A História primeiramente em moldar a figura do homem brasileiro que levaria ao progresso e a civilização, e as origens da nação, enquanto a literatura nesse primeiro momento procurava no homem nativo idealizado um símbolo nacional. Já no século XX a História e a Literatura estiveram em maior consonância na medida em que se preocuparam com o momento vivido e buscaram enaltecer em sua narrativa os problemas relativos à sociedade, buscando no passado o entendimento para a conjuntura atual.

⁴⁶ CERQUEIRA, Larissa Agostini. **As contribuições do modernismo para a literatura e a crítica brasileira**. In: Revista Em tese. V.16, n.2, Minas Gerais: 2010. P.3

⁴⁷ DOS SANTOS. Cássia. **Romance (a) político e crítica literária nos anos 30 e 40**. Revista Letras, Editora UFPR, Curitiba, n.49, p. 107-124. 1998

3. A CONSTRUÇÃO DE O TEMPO E O VENTO: AS INFLUÊNCIAS HISTÓRICAS E SOCIAIS

Neste capítulo procuramos desenvolver os elementos que auxiliam a análise de nossa fonte. Para tanto, procurou-se compreender o desenvolvimento literário e histórico que influenciaram a literatura de Érico Veríssimo. Outro foco de análise desse capítulo é o desenvolvimento da figuração dos personagens a partir da dicotomia entre o feminino e o masculino. Acreditamos que esses elementos são fundamentais para a compreensão acerca da construção de *O Tempo e o Vento*.

3.1. O CONTEXTO HISTÓRICO E LITERÁRIO DO RIO GRANDE DO SUL E DA TRAJETÓRIA DE ÉRICO VERÍSSIMO ATÉ *O CONTINENTE*

O cenário de produção intelectual rio-grandense nos séculos XIX e XX é fundamental para o entendimento das influências na escrita de Érico Veríssimo. Nascido em Cruz Alta no ano de 1905 no Estado do Rio Grande do Sul, estudou em Porto Alegre na década de 20, porém sem finalizar o ginásio, voltando para casa para ajudar sua mãe após a separação e os desgastes financeiros que o pai havia deixado para a família⁴⁸. Trabalhou em banco e em farmácia para em fim, com suas publicações pela Editora Globo, ser contratado pela mesma.

Primeiramente, Érico Veríssimo trabalhou em Porto Alegre na *Revista Globo*, porém sem ser um de seus autores⁴⁹. Ser escritor correspondia a uma tarefa secundária àquela que subsidiava a vida dos escritores da década de 30. Miceli aponta a deficiência na educação escolar muitas vezes interrompida desses autores, porém, obtiveram durante a vida um capital cultural elevado que possibilitava a presença em trabalhos intelectuais⁵⁰. Esse capital, segundo Batista, ajudou Veríssimo a conseguir uma posição na *Revista Globo*, na qual em 1932 o autor já ocupava o cargo de direção. No mesmo ano o autor publicou seu primeiro livro de contos, *Fantoches*, e logo em seguida seu romance *Clarissa*, tornando-se assim autor da Globo⁵¹. O trabalho de Veríssimo na *Revista* e depois da

⁴⁸ BATISTA, Karina Ribeiro. **A trajetória da editora globo e sua inserção no campo literário brasileiro nas décadas de 1930 e 1940**. Tese (Doutorado em letras) - Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. P.102.

⁴⁹ *Ibidem*. P. 105

⁵⁰ *Ibidem* p. 109.

⁵¹ *Ibidem*. P.114.

Editora Globo possibilitou seu reconhecimento internacional, o qual levou o autor a ser convidado a lecionar em Berkeley na Califórnia na década de 40.

Esta experiência foi decisiva para a ascensão de sua escrita, no espaço cultural porto-alegrense, em que a difusão de conhecimento se estabelecia desde instituições quando no campo social em que a memória individual e popular, se tornou fundamental para a construção de uma memória coletiva. Os âmbitos acadêmicos que nortearam a História e a Literatura no Rio Grande do Sul tinham como intuito a produção da memória rio-grandense a partir da valorização da história e dos homens locais, assim, como a preocupação em traçar uma História, memória e identidade nacional, a História e a Literatura estavam a serviço dessas categorias no âmbito regional. Ainda no século XIX, pensou-se na criação de Institutos Históricos Geográficos provinciais, promovendo o ideal de unificação da nação, ligando a história regional com o restante do Império. Ponderou-se a fundação do Instituto Histórico e Geográfico da Província de São Pedro, que, além da colaboração para a História nacional, vinculava-se também ao discurso da importância do homem rio-grandense para a proteção da província e da nação, exaltando seu caráter heroico.

A Associação gaúcha tinha muito clara a necessidade de mostrar ao país tudo que se passou no passado heroico e guerreiro do Rio Grande, pois este era parte integrante do Império. Para isso, fazia-se necessário salvar do esquecimento os atores heroicos do passado, coligindo, metodizando, publicando ou arquivando os documentos concernentes à história e à tipografia do Rio Grande, bem como aqueles referentes à arqueologia, etnologia e língua dos indígenas (BOEIRA, 2008, p.88).

Porém, as tentativas de consolidação desse Instituto não se firmavam, apenas em 1920 funda-se o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, preocupando-se com a construção da história nacional e com a afirmação da história e da formação identitária rio-grandense⁵². Nas fontes analisadas por Daniela Silveira em sua dissertação acerca da escrita da História a partir do IHRGS encontram-se excertos das revistas lá publicadas em que é visível o tipo de história a ser escrita, demonstrando, a partir do artigo de Lindolfo Collor, o caráter positivista da produção⁵³. Para Collor a história não seria mera atividade empírica, mas uma ciência baseada em leis imutáveis e complexas (COLLOR *in* SILVEIRA, p. 14).

⁵² SILVEIRA, Daniela Oliveira. “o passado está prenhe do futuro”: a escrita da história no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (1920-30). Dissertação (mestrado em História) Pós-graduação no Instituto de filosofia e ciências humanas da UFRGS. Porto Alegre, 2008. P.10.

⁵³ *Ibidem*. P.14.

No discurso de inauguração, Florêncio Abreu e Silva deixou explícito o patriotismo e a busca da verdade como bases para a produção do Instituto, esta que deveria ser ausente de juízo pessoal. Um dos maiores representantes do IHRGS, Souza Docca, reiterava a imparcialidade no descer da escrita da história. Porém, segundo Silveira, essa história objetiva e imparcial, característica de uma produção da modernidade não era seguida a rigor.

O conceito moderno de história dá espaço para uma incursão na formação de um discurso bastante subjetivo, repleto de posições dos autores, juízos – que valorizavam ou desvalorizavam, vangloriavam ou depreciavam determinadas passagens ou personagens da história sul-rio-grandense, brasileira ou geral. Tal discurso definiria uma hierarquia de testemunhos e documentos e a percepção de que a história não possuía um tempo singular, impossível de ser revisitado e de ser recuperado, mas que o mesmo poderia ser revivido sempre que necessário. Isto porque o passado era passível de ser repetido e aprendia-se com a recomposição do que já aconteceu, pois a história possui leis que proporcionavam recorrências. A esta história também caberia o papel de julgar o passado a partir da possibilidade de reconstituir-se o que exatamente ocorreu (SILVEIRA, 2008, p.37).

A partir de normas que garantissem o saber científico além da utilização de outras disciplinas como a geográfica, arqueologia e etnologia, o IHRGS propunha a necessidade de sintetizar o passado, recuperar e conservá-lo para servir de fundamentos para ações dos homens no futuro (C.SILVEIRA, 2008, p.35). O passado que se buscou no Instituto foi o da origem da identidade do homem rio-grandense, acalorando debates de vertente lusitana, que considerou a formação do homem do Rio Grande exclusivamente de portugueses, e a outra que considerava a importância da mescla platina e nativa⁵⁴.

Ainda no século XIX, além da preocupação insurgente de uma escrita da história, estabeleceu-se a questão literária do Rio Grande do Sul. Fundada em meados desse século, a *Sociedade Parthenon Litterario* constituiu-se de um agrupamento de literatos rio-grandenses que procuravam difundir a literatura nacional e local, mantendo uma forte relação com a política. Ainda que anterior ao IHRGS, podemos localizar um viés político diferenciado do Instituto, enquanto este propunha uma impessoalidade frente ao seu objeto, porém, como analisado por Silveira, essa imparcialidade não era praticada na escrita produzida, o *Parthenon* se afirmava frente a um posicionamento político definido que moldou o estilo literário da instituição.

⁵⁴ DA SILVA, Elza. E.M.Q. **Pensando as Fronteiras e as Identidades na obra de Érico Veríssimo: O Continente** (1949). Dissertação (mestrado em História) - Setor de Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2003. P. 89.

⁵⁴ *Ibidem*. P.28

A Revista do Parthenon Litterario foi um dos veículos difusores dessas ideias e, tendo circulado, com algumas interrupções, por um período de dez anos (entre 1869 e 1879), constituiu-se em um marco para a literatura gaúcha, já que a maioria das publicações deste gênero na época não se mantinha por tanto tempo. Os textos que circulavam na Revista tratavam dos mais diferentes assuntos e variavam entre biografias de personalidades consideradas, pelos membros da Sociedade, valorosas para a província ou para a nação; pareceres sobre teses históricas, literárias ou filosóficas, que eram discutidas nas frequentes reuniões do grupo; escritos literários e dramáticos, em geral dos próprios sócios do Parthenon; um “ementário mensal”, que comentava os principais acontecimentos culturais ocorridos na província ao longo do mês, e relatos de doações de livros ou de quantias em dinheiro feitas à Sociedade (SILVEIRA, 2008, 17).

Os ideais difundidos pelo *Parthenon* eram influenciados pelas ideias liberais, divulgando campanhas de abolição e propagandas republicanas⁵⁵. No que concerne à questão literária, a instituição inaugura, segundo Guilherme Cesar, uma nova fase estética e a constituição de um sistema literário baseado no Romantismo⁵⁶, que traria para a literatura rio-grandense a originalidade com a exaltação de sua cultura, costumes e folclore, dando início ao ciclo de literatura regionalista, buscava nesses elementos a sua constituição e promover a figura e identidade do homem gaúcho⁵⁷. A retomada da figura do peão e do campeiro na literatura surgia junto com as características da linguagem interiorana, inserindo realismo a figura do homem rio-grandense, e enaltecendo seus heróis.

Os integrantes da associação consideravam necessário o desenvolvimento intelectual da sociedade gaúcha frente ao restante do país.

Para promover essa ebulição intelectual, o grupo passa a coordenar uma série de ações práticas como a instituição de aulas noturnas gratuitas, a criação de uma biblioteca própria e o incentivo à organização de outras, objetivando tornar o livro mais acessível à população, a realização de saraus poéticos em que se discutiam assuntos literários, além da promoção e encenação de peças teatrais, que serviam como instrumento para se discutir as questões sociais à luz dos ideais liberais e republicano (ESTIMA, 2009, FURG)

Essa difusão de conhecimento agregava a sociedade como detentora do mesmo. O IHRGS posteriormente foi o principal difusor da historiografia rio-grandense, porém, Porto Alegre possuía diferentes meios de conhecimento e de sociabilidade em que havia a circulação e diálogo entre historiadores e a sociedade. Esses lugares iam desde o âmbito

⁵⁵ ESTIMA. Vinícius Marques. *A História literária do Rio Grande do Sul, de Guilherme Cesar: o inventário do período de formação da literatura sul-rio-grandense*. Dissertação (mestrado em Letras) Pós Graduação em História da Literatura da FURG, Rio Grande, 2009. P. 106.

⁵⁶ *Ibidem*, p. 108.

⁵⁷ *Ibidem*, p. 111.

acadêmico como o próprio Instituto e a Academia de Letras, os informais, como bares e restaurantes, mas também jornais e a Editora Globo⁵⁸.

Um âmbito de importante difusão da cultura e identidade rio-grandense foi o Movimento Tradicionalista Gaúcho que culmina na formação do Centro de Tradições, este influenciado pela História e Literatura, retomando no passado a construção identitária do homem do Sul a partir da figura do peão e a mestiçagem entre nativos, castelhanos e portugueses⁵⁹. Essa característica de miscigenação como elemento da identidade do Rio Grande do Sul será retomado mais a frente com a análise da fonte, que estabelece importante discussão acerca do povoamento dessa região e a movimentação cultural na mesma. O que nos interessa nesse momento é que a figura mítica do gaúcho primitivo vem dessa origem mista e das atribuições ao homem gaudério, nas palavras de Neto, vaqueiro campeador, rastreador e vaqueano, tropeiro e changueador⁶⁰. Com a criação de gado em propriedades cercadas, como as estâncias, surge a figura do peão, esse *ex-gaudério*, para enfim surgir a figura do gaúcho como tal⁶¹.

Além da relação que se estabelece com a terra para a constituição da identidade e cultura gaúcha, que segundo Neto

Recortada àquela que remete às representações e práticas dos peões de estância, afirma - se como um nacionalismo, um sentimento de pertença do indivíduo à terra, que no entanto, legítima - se através de um discurso sobre uma identidade regionalista (NETO, 2009, 73).

O cenário de constantes conflitos na região sulina, desde Guerras Guaraníticas até a Revolução Farroupilha, contribuiu para a constituição da identidade gaúcha, com importante ligação com o campeiro e sua resignificação no presente⁶². Essa retomada e resignificação do passado são apresentadas pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho que culmina na formação do primeiro CTG em 1948, o 35 CTG, que, já em seu nome, se remete à história do passado guerreiro, lembrando a data da Revolução Farroupilha⁶³.

Podemos perceber que desde o século XIX até a publicação de *O Tempo e o Vento* em 1949, diferentes segmentos da cultura rio-grandense mobilizaram a construção de um ideário da figura do homem do Rio Grande do Sul, a sua história e memória. Érico

⁵⁸ *Ibidem*.

⁵⁹ NETO, Guilherme Howes. **De bota e bombacha**: um estudo antropológico sobre as identidades gaúchas e o tradicionalismo. Dissertação (mestrado em ciências sociais) Pós Graduação em ciências sociais da UFSM, Santa Maria, 2009.

⁶⁰ Encarregado de carretos

⁶¹ *Ibidem*, p. 71.

⁶² *Ibidem*, p. 73.

⁶³ *Ibidem*, p. 84.

Veríssimo mobiliza em sua escrita, principalmente no primeiro tomo de sua trilogia, *O Continente*, a História e a Literatura para a desmistificação da origem de seu povo, ora convergindo ora divergindo dos ideais propostos pelos institutos supracitados.

Quanto à formação literária do autor, no capítulo anterior vimos que Érico Veríssimo escreve seu romance baseado na tradição modernista da década de 30, a escrita do romance social⁶⁴. Segundo Flávio Loureiro Chaves

Herdeiros da revolução ideológica e estética deflagrada pelo Modernismo a partir de 1922, o chamado “romance de 30” empreendeu o reconhecimento do espaço social brasileiro por via da documentação, da incorporação de tipos característicos, da aceitação dos falares regionais e, não raro, da denúncia política (CHAVES, 1981, p.13).

Porém, Veríssimo está inserido no Modernismo que surgiu no Rio Grande do Sul, com suas especificidades que o diferencia do estilo literário conhecido no Rio de Janeiro e São Paulo⁶⁵. Uma peculiaridade foi a junção do Simbolismo – estilo literário de grande difusão do estado rio-grandense e que se perpetuou até a década de 30 – com o regionalismo⁶⁶, exaltando símbolos referentes à cultura e identidade locais com vertentes de contos mitológicos. Na escrita do autor em seus primeiros contos publicados em *Fantoche*, pode-se notar, segundo Chaves, a influência simbolista, mas ainda assim, em alguns contos, já era possível encontrar a inquietação acerca de questões sociais⁶⁷. Não ignorante frente às intervenções do Movimento de 22, a escrita de Veríssimo alternava o neo-simbolismo, ou simbolismo tardio rio-grandense com o novo realismo que acentuou-se na narrativa do autor na publicação *Clarissa*.

Aí se dá a conjunção desses dois elementos aparentemente exclusivos, mas de qualquer maneira atuantes da formação do romancista. O simbolismo defasado pouco a pouco, na medida em que se aprimora a capacidade de observação e análise do mundo oferecido; o realismo acentuando para vir a ser finalmente, o eixo de seu processo narrativo (CHAVES, 1981, p. 21).

Segundo Chaves, é com *Caminhos Cruzados* que o autor se afirma no cenário do realismo, do romance social e urbano, aparecendo na sua escrita a preocupação, julgamento e discussão sobre o funcionamento da sociedade, pautado na investigação da burguesia urbana e o patriarcado rural que se encontrava em crise nos anos 30. A reflexão

⁶⁴ CHAVES. F.L. **Érico Veríssimo: realismo e sociedade**. Porto Alegre: Mercado aberto, 2ª. Ed. 1981. P. 13.

⁶⁵ *Ibidem*. P.17.

⁶⁶ *Ibidem*. P.18.

⁶⁷ *Ibidem*. P.20.

histórica que surge em *um lugar ao Sol* inclui à ficção a História, a crítica ao presente sob questionamentos do passado. As publicações de Veríssimo acima citadas, e mais algumas produções dos anos 40 como *O Resto é silêncio* (1943) são fundamentais para entender o processo de consolidação de um gênero literário baseado na crítica social e da reflexão histórica, e no amadurecimento crítico e ideológico do autor que culmina na produção de *O Tempo e o Vento*.

Segundo Zilberman, o livro surge paralelo à escassez da tentativa de criação de um romance nacional que elucidasse o desenvolvimento da classe dominante do país assim como dos modelos da estética modernista⁶⁸. O projeto do romance remete à década de 30, mas apenas com a produção de *Saga* e *O resto é silêncio* que o autor concretiza a ideias para sua obra e começa a produzi-la em 1945. Em *Solo de clarineta* o autor justifica a escrita de sua obra, a ser iniciada pelo *O Continente*. Seu objetivo seria desmitificar a mitologia pertencente à origem do Rio Grande do Sul, pois está não seria sua realidade histórica⁶⁹.

O Tempo e o Vento é uma obra publicada em três tomos, *O Continente* (1949) que aqui nos interessa, *O retrato* (1951) e por fim *O arquipélago* (1962). No primeiro volume da obra se encontra a gênese da família Terra- Cambará, a partir de 1745, conta a história do Rio Grande do Sul fundida com a desta família⁷⁰. Regina Zilberman aponta duas maneiras de entender *O Continente*, a partir da abordagem histórica rio-grandense pautada em guerras, presentes no percurso da narrativa, e a segunda maneira é a partir da formação da classe dominante da região, desde a sua origem missioneira até a ascensão ao governo⁷¹.

Em *O Continente*, acompanha-se, assim, a ascensão de uma camada social que se formou durante o período colonial, definiu suas atividades econômicas principais durante o período monárquico, mas chegou ao poder somente com a substituição do regime político, que quis republicano. Nas parte iniciais do livro, os seres humanos que constituirão a camada social retratada pertencem aos grupos dominados; mas triunfam no final, ao derrotarem seus opositores e firmarem-se no comando do Estado (ZILBERMAN, 2004, p.14).

Estes cenários de guerra e de luta política embasam a narrativa, porém não são seus agentes representantes, os homens, que a lideram, mas sim, as personagens femininas.

⁶⁸ ZILBERMAN, Regina. **O tempo e o vento revisado**. In: BORDINI, M.G; _____, *O tempo e o vento: história, invenção e metamorfose*. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2004. P. 14.

⁶⁹ ZILBERMAN, Regina. **História, mito e literatura**. In: BORDINI, M.G; _____, *O tempo e o vento: história, invenção e metamorfose*. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2004.p.26.

⁷⁰ ZILBERMAN, Regina. **Um romance para todos os tempos**. In: VERISSIMO, Érico. *O Tempo e o vento: O continente*. V.1. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. P.12.

⁷¹ *Ibidem*. P.13.

Essas representam a persistência diante a guerra, garantindo a subsistência e o futuro dos descendentes⁷².

3.3. OS SUJEITOS HISTÓRICOS N'O CONTINENTE

Os personagens do romance são elementos de refiguração do momento histórico inserido na narrativa. O realismo empregado nas obras de Veríssimo comporta-se, além das descrições detalhadas, na formulação de seus personagens, estes como sujeitos históricos, carregados de raízes sociais, funções coletivas e fatores hereditários⁷³. A análise presente nesse trabalho diz respeito a figuração dos personagens nos capítulos *Ana Terra* e *Um certo capitão Rodrigo*, a partir das representações de gênero construídas pelo autor, e a interação entre eles que se estabelecem moldadas pelo contexto histórico-cultural do século XVIII e XIX. Para poder fazer a análise das representações de gênero é fundamental entender a importância do desenvolvimento dessa figuração na narrativa.

As personagens femininas e masculinas representam uma dicotomia, ora oposta, ora ambivalente. Para o próprio autor a imagem da mulher em sua obra se configura desta forma ao falar de *Ana Terra*:

Eu penso nela como uma espécie de sinônimo de mãe, ventre, terra, raiz, verticalidade (em oposição à horizontalidade nômade dos homens), permanência, paciência, espera, perseverança, coragem moral...(CHAVES, 1981, p.76).

Borges, ao analisar a figuração feminina em *O Tempo e o Vento* reafirma essa oposição fazendo uma analogia ao próprio título do livro, enquanto as mulheres são terra, fixam raízes, os homens seriam o vento, conquistador e passageiro⁷⁴. Os espaços que competem a cada um estariam expostos na narrativa, as mulheres pertencentes ao espaço privado, responsável pela manutenção dos costumes, da religião e da família⁷⁵, enquanto os homens estão destinados ao espaço público, ao poder e a liberdade. Porém, aplicada ao contexto em que se passa à narrativa, a partir de como a sociedade impunha as normas de comportamento, existe nessa dicotomia uma relação complementar, de necessidade

⁷² *Ibidem*, p 14.

⁷³ *Ibidem*. P.49.

⁷⁴ BORGES. Gisele do Rocio. Análise da figuração feminina em *O tempo e o vento* de Érico Veríssimo. *Eletras*, vol. 18, n.18, jul.2009. p. 245.

⁷⁵ DA SILVA. Elza. E.M.Q. **Pensando as Fronteiras e as Identidades na obra de Érico Veríssimo: O Continente** (1949). Dissertação (mestrado em História) - Setor de Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2003. P. 89.

recíproca, a mulher está alocada assim em um lugar de manutenção familiar em que, mesmo tendo a liberdade como característica, o homem retorna⁷⁶.

O contraponto que o autor traça entre ambas é ambivalente. Ao mesmo tempo em que ele parece colocar a mulher reclusa ao domínio do lar, as entrelinhas são primorosas, pois são Ana Terra, Bibiana, Maria Valéria, entre outras, as responsáveis pela garantia do equilíbrio do lar e por sustentar e dar continuidade à estrutura social. São, em realidade, as personagens femininas que representam a força que não deixa desmantelar a família; são elas que representam a firmeza de caráter que passam aos descendentes. Elas são a memória do passado, por isso o instinto de preservação; são elas, enfim, os grandes exemplos que o autor transmite (DA SILVA, 2003, p. 91).

Dentro da narrativa encontramos marcos que caracterizam o lugar e atividade referentes a cada personagem, símbolos que remetem a masculinidade e a feminilidade. Temos como artefato hereditário para os homens da família Terra-Cambará o punhal pertencente a Pedro Missioneiro. A arma é representante da guerra, atividade e espaço destinado aos homens, porém é a partir de Ana Terra que este objeto é passado para frente, sendo assim a pessoa que preserva a memória. O objeto referente às mulheres da família é a tesoura de poda de Dona Henriqueta, mãe de Ana Terra, que perpassa a narrativa como instrumento relacionada a uma atividade e uma especificidade feminina, o trabalho de parteira e o significado de dar luz a vida, ambos sendo atividades referentes às mulheres. Homens e mulheres sempre estão ligados ao trabalho, porém se distanciam quanto ao seus espaço de atuação, aos homens cabe à guerra enquanto as mulheres cabe a família.

Na constituição social do Rio Grande do Sul representada na obra, é visível a importante relação de interação entre os gêneros, tendo como ponto de apoio e de manutenção das relações familiares a figura da mulher. As representações de gênero em *Ana Terra* e *Um certo Capitão Rodrigo* se formulam através da interação entre os personagens e pelo contexto histórico presente na narrativa. Deste modo, é possível interligar a narrativa de Veríssimo com a discussão proposta por Michelle Perrot sobre os lugares da mulher na História. As mulheres, segundo a autora, foram por muito tempo excluídas como sujeito da História, pois a escrita da mesma era ofício destinado aos homens que se ocupavam de objetos históricos ligados ao universo masculino a partir dos campos de ação e de poder⁷⁷.

⁷⁶ *Ibidem*. P.90.

⁷⁷ PERROT, Michelle. **A mulher popular rebelde**. In: Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros. Rio de Janeiro: editora Paz e Terra, 1988. P. 185.

Ao mesmo tempo personagens da história e historiadores, são ainda os guardiães da memória coletiva. Intencionalmente fabricada, a memória é seletiva: ocorre um processo de triagem entre o que lembrar e o *que* esquecer, caracterizando o que deve ser resgatado, o que não teve importância e mesmo o que não ocorreu. Neste contexto, a mulher tem sido excluída da história, subsumida ao personagem masculino principal (PESAVENTO, 1991, p. 55).

As fontes buscadas para escrever a história pertenciam aos lugares de prática e produção masculina, como a política, os textos que concernem à produção feminina são muito específicos, como livros de cozinha, diários entre outros. A documentação pertencente ao universo masculino são arquivos pertencentes ao mundo público, ao qual os homens pertencem, o das mulheres ao privado, sendo a descrição dessas na história produzida pela visão masculina e não por representação direta⁷⁸.

É na segunda metade do século XX que emerge a História das Mulheres, fruto das contribuições do movimento feminista e das transformações na historiografia de cunho social e cultural. Procurou-se então estabelecer uma integração entre esse novo campo de estudo com a disciplina histórica⁷⁹. Importante para a formulação da História das Mulheres é a categoria *gênero*, que, a partir dos anos de 1970 foi utilizada em questões de diferenças sexuais, empregada em análises feministas contribuiu para a ênfase no caráter cultural e social de distinção baseada no sexo, a assimetria e hierarquização nas relações de gênero⁸⁰.

Para tornar a mulher sujeito histórico, buscou-se a sua presença em lugares de maior evidência de sua participação, levando a abordagem histórica além do espaço do poder público.

Os estudos sobre a sociabilidade feminina que deram lugar a importantes trabalhos sobre os locais de lavagem de roupa, o forno, o mercado, a casa, assim como os estudos sobre os tempos marcantes da vida, tomando como objetos o nascimento, o casamento, a morte [...]ressaltam no esforço de se buscar as mulheres como agente histórico, a aproximação dos domínios nos quais ocorrem maiores evidências de participação feminina. Daí não se aterem unicamente à esfera pública – objeto exclusivo, por largo tempo, do interesse dos historiadores impregnados do positivismo e de condicionamentos sexistas. Explica-se, assim, a significação do privado e do cotidiano, nos quais emergem com toda força a presença dos segmentos subalternos e das mulheres. Longe está o político, porém, de estar ausente dessa esfera, na qual se desenvolvem múltiplas relações de poder (FACINA, SOIHET, 2004, p.14).

Procura-se nesses campos de atuação feminina uma forma de poder, porém, ressaltando a não exclusão de relações de poder e hierarquização.

⁷⁸ *Ibidem*. 186.

⁷⁹ FACINA, Adriana; SOIHET, Rachel. **Gênero e Memória**: algumas reflexões. In: Revista Gênero. V.5, v.1. PP. 9-19. Niterói, 2004. p.9.

⁸⁰ *Ibidem*. P. 10.

A interação e relações entre gêneros em *O Tempo e o Vento* são representadas principalmente pela dicotomia que caracteriza as mulheres e os homens na obra. As mulheres são apresentadas como pilar da sobrevivência e da continuidade da linhagem dentro da História, importante para a constituição e manutenção do núcleo social a que pertence. Érico Veríssimo insere nas suas representações da História do Rio Grande do Sul as mulheres como importante sujeito do momento histórico em que se passa a narrativa, de povoamento acarretando diversos conflitos territoriais e também, guerras políticas. Porém o autor não exclui as relações de poder estabelecidas pelo contexto marcadamente patriarcal e religioso do século XVIII e XIX. Partindo do discurso de interação entre os gêneros, é importante frisar que a História das Mulheres não se encontra separada de uma História Geral, mas como um meio de inserção da figura feminina no universo histórico. Segundo Michelle Perrot, para uma história das mulheres, seria necessário o eixo central ser composto pelas relações entre os sexos, a mulher sendo entendida como parte da trama histórica, sendo no discurso, nas representações ou nas práticas⁸¹.

A literatura, através do Romance Histórico, apresenta à História representações de sujeitos que podem não ter sido valorizados pela mesma, abrindo novos espaços de investigação no campo histórico. Como dito, essas seriam representações que partem da criação de um determinado indivíduo e um determinado lugar. A representação da mulher parte do imaginário masculino, porém não está necessariamente em oposição a mulher real, sujeito de condições concretas e expressiva em ações, sejam essas individuais ou coletivas, mas relacionadas em aproximações e distanciamentos norteados por padrões de valores e costumes⁸². As representações também seriam atuantes, segundo Pesavento, na própria realidade e no comportamento social.

Por fim, as representações de gênero presentes nos capítulos aqui analisados partem do pressuposto da construção de uma representação da História rio-grandense estabelecida a partir de um cenário de intensas discussões históricas, literárias e culturais que procurou estabelecer um passado e memória para o Rio Grande do Sul a partir dos eventos marcantes importantes para o país e para o Estado, assim como influenciaram a formação de uma identidade específica pautada na figura do homem gaúcho. Érico Veríssimo, portanto, aparece com sua escrita desmitificando esse passado retomado e insere a mulher,

⁸¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Mulheres e história:** a inserção da mulher no contexto cultural de uma região fronteira (Rio Grande do Sul, Brasil). In: Travessia. n. 23, PP 54-72. Santa Catarina. 1991.

⁸² *Ibidem.* P. 55.

que estabelece importante figura da formação da sociedade e da manutenção social e familiar frente às relações com os homens e o poder que ali se configuram.

4. ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO: ANA TERRA E UM CERTO CAPITÃO RODRIGO

4.1. ANA TERRA

O território rio-grandense foi palco de diversas disputas assinaladas pelos interesses das Coroas de Portugal e da Espanha. O quinhão de terra que coube a Portugal com o Tratado de Tordesilhas estava demarcado de Belém até Laguna, a o sul, águas do Atlântico⁸³. Durante esse primeiro século de colonização esse pedaço de chão que viria a ser o Rio Grande do Sul ficou abandonado pelas duas Coroas sem o intuito de povoamento, no século seguinte o interesse de aventureiros, atraídos pela vacaria que surgiu na região, espanhóis, lusos, alguns que não respondiam a ninguém e os *charruas*, caçando o gado xucro para proveito de couro e sebo⁸⁴, e os missioneiros, os portugueses com pretensões de aldeamento no litoral, porém sem apoio da Coroa, enquanto os missioneiros espanhóis se estabeleciam a margem leste do Rio Uruguai⁸⁵, dirigindo-se à esse região devido aos ataques bandeirantes nos redutos instalados aonde hoje é o Paraná⁸⁶. Este grupo também afugentou esses novos redutos missioneiros, que retornariam para constituir os Sete Povos das Missões.

Integrado tardiamente ao restante do Brasil, o Rio Grande permaneceu desvinculado da agricultura de exportação, adquirindo importância no sistema colonial somente a partir da descoberta das minas nas Gerais, quando paulistas e lagunistas começaram a descer em busca do gado xucro para levar até a zona mineradora. Interessados na possibilidade de aumentarem seus lucros com a criação, esses tropeiros solicitaram sesmarias na região, enquanto que, de seu lado, diante das dificuldades em conservar Sacramento, a Coroa considerava conveniente que o vasto território entre o Prata e Laguna fosse ocupado. De fato, esse território era um verdadeiro palco de disputas entre lusitanos e espanhóis, que combatiam-se por terra e gado, e também pelo comércio platino. Tratava-se de uma fronteira bastante móvel e instável, o que levou a realização de vários acordos entre as monarquias ibéricas, tais como o Tratado de Madrid e de Santo Idelfonso (SOLPELSA, p.20)

Durante o século XVII, após margear o litoral e chegar ao estuário do Prata, os portugueses fundaram a Colônia do Sacramento. A preocupação na manutenção dessa nova

⁸³ GUILHERMO, Cesar. **História do Rio Grande do Sul, período colonial**. Porto Alegre: Editora Globo, 1970, p. 47

⁸⁴ FILHO, Arthur Ferreira. **História Geral do Rio Grande do Sul, 1503-1964**. 3ª. Edição, Porto Alegre: Editora Globo, 1965, p. 20

⁸⁵ Rio que divide o Estado do Rio Grande do Sul com a Argentina.

⁸⁶ GUILHERMO, Cesar. **História do Rio Grande do Sul, período colonial**. Porto Alegre: Editora Globo, 1970, p. 52

possessão e a preocupação com ataques espanhóis voltou os olhares da Coroa para este local. As atividades rentáveis relacionadas ao gado da região chama a atenção da colônia central e das demandas das minas de ouro. No século XVIII, com a expansão das vacarias, as atividades contrabandistas castelhanas aumentaram, sendo um ensejo para a ordem Régia de povoamento nas bandas sulinas⁸⁷. Ficou ao cargo da Capitania de Laguna propiciar o povoamento da região ao sul através de invernadas e currais que atraíram moradores tanto de São Paulo quanto de Laguna⁸⁸. A relação de interesse entre as duas regiões colônias faz surgir a empreitada de caça ao gado e fornecimento da matéria do extremo sul à região central, surgindo as primeiras estradas entre as colônias, passando pelos Campos de Viamão⁸⁹. As tropas iam da Colônia de Sacramento fornecendo gado, muares e cavalos para os entrepostos de Sorocaba.

Com a construção do Forte e Presídio Jesus – Maria – José, tem-se a primeira ocupação efetiva do Rio Grande, espalhando-se casais provenientes da Colônia do Sacramento, dos Açores e da Madeira, posteriormente, famílias de São Paulo trazendo escravos consigo, garantindo a posse da Coroa portuguesa. Com o Tratado de Madrid de 1750, que concederia as terras das Missões para Portugal, procurou-se povoar esses redutos com os ilhéus, porém a ocupação da margem oriental do Rio Uruguai não chegou a ser ocupada nesse período, sendo estendido o povoamento açoriano até o Rio Pardo⁹⁰.

É nesse contexto de povoamento do Rio Grande de São Pedro do século XVIII e os conflitos por posse de terras que encontramos alocada a narrativa de *Ana Terra*, dando início a saga do que viria a ser a família Terra-Cambará. A família representada neste capítulo, os Terra, eram provenientes de Sorocaba que se encaminharam para a região sul, próximo ao Rio Pardo, pelo interesse gerado em Maneco Terra, pai de Ana, pelos homens de sua família que se aventuraram com bandeirantes e tropeiros, de levar uma vida próspera nas terras sulinas.

[...] o avô de Maneco for um dos muitos bandeirantes que haviam trilhado a estrada da Serra Geral e entrando nos campos do Continente, visitando muitas vezes a Colônia de Sacramento. Quando voltava para casa, tantas maravilhas contava aos filhos sobre aqueles campos do sul, que Maneco crescera com a mania de vir um dia para o Rio Grande se São Pedro criar gado e plantar. Antes dele, seu pai Juca Terra, também cruzara e recruzara o Continente trazendo tropas (VERÍSSIMO, 2004).

⁸⁷ *Ibidem*, p. 90

⁸⁸ *Ibidem*, p. 91

⁸⁹ *Ibidem*, p. 89

⁹⁰ *Ibidem*, p. 133

Frente a situação de povoamento de uma região de fronteira, a desestabilidade da mesma e a circulação de diferentes povos, a família se foca numa relação de trabalho que tem por produto a sobrevivência da família. Veríssimo então apresenta seus personagens masculinos com trabalhos na lavoura, provedores do produto de consumo e da renda familiar, enquanto as mulheres pertencem a um papel doméstico, provendo o bem-estar com a alimentação, a higiene, e a manutenção dos utensílios diários, como por exemplo, a vestimenta. O autor não desloca a figura feminina do espaço de atuação que lhe cabia no século XVIII, representando suas ações e comportamento condizentes com o contexto. Veríssimo descreve a personificação dos homens da família Terra frente ao trabalho e aos perigos representados pelas incursões castelhanas e invasões de índios na estância na visão de Dona Henriqueta, mãe de Ana Terra:

E, quanto mais o tempo passava, mais o marido e os filhos iam ficando como bichos naquela lida braba – carneando gado, curando bicheira, laçando, domando, cirando terra, plantando, colhendo e de vez em quando brigando de espingarda na mão contra índios, feras e bandidos. Parecia que a terra ia entrando não só na pele como também na alma deles (VERÍSSIMO, 108).

Às mulheres da família, Ana e Henriqueta, por sua vez, cabiam os serviços domésticos e na lavoura. Ana

Ia aquecer a água do chimarrão dos homens, depois começava a faina diária: ajudar a mãe na cozinha, fazer pão, cuidar dos bichos no quintal, lavar a roupa. Por ocasião das colheitas ia com o resto da família para a lavoura e lá ficava mourejando de sol a sol (VERÍSSIMO, 103).

A partir desse cenário, o autor apresenta Ana Terra como uma moça, já de seus vinte e cinco anos, infeliz pela situação de viver isolada de pessoas e eventos, assim como o medo do perigo representado pelos bandoleiros.

Na narrativa, as principais características cabíveis a cada personagem são expressas com ações e sentimentos frente à chegada de um índio, Pedro Missioneiro, sendo pivô de conflitos na família Terra. A partir da chegada do índio, encontrado por Ana ferido e desacordado, a mesma entra em conflito com novos sentimentos que surgem. Seu interesse imediato conflitava entre o constrangimento, a repulsa e a estranheza. Para a Ana, as características físicas do homem diferenciavam muito dos homens que ela conhecia e estava familiarizada. Pedro Missioneiro era filho de uma índia com um castelhano, trazendo no rosto as características de cada um. Também se diferenciava dos homens Terra por suas habilidades como a leitura, a música e o latim aprendidos na Missão, assim como

atividades na lida e na doma que foram alvo de admiração e estreitaram os laços de convívio com os Terra, porém cercado de desconfiança e estranheza. Missioneiro representa a imagem do forasteiro, visto pela gente da terra como perigo eminente. Segundo Elenice Klippel, a visão que se tem de quem vem de fora está ligado ao fator de proteção da terra, a afeição que se tem pelo seu rincão e pelo sentimento de pertencimento ao Rio Grande⁹¹. A família Terra se assentou no Rio Grande vindo de São Paulo, mas adere ao modo de vida da região, e lutando se necessário, como já citado, contra índios e castelhanos que invadiam e ameaçavam a pequena estância. Apesar de ter provado a serventia à Coroa Portuguesa na luta contra os castelhanos, Pedro compõe uma imagem receosa do forasteiro por ser índio e usar a língua espanhola.

Como já foi referido, a presença dele na propriedade desperta em Ana sentimentos contraditórios, a atração que sentia por ele se misturava com ódio e nojo⁹². O constrangimento da moça frente a homens que não eram de sua família se relaciona com as convenções sociais impostas as mulheres acerca de sua sexualidade e comportamento afetivo. As moças permaneciam sob vigilância do pai ou irmãos em relação à sexualidade, esta, que segundo Araújo⁹³, deveria ser abafada pois quando aflorada “ameaçava o equilíbrio doméstico, a segurança do grupo social e a própria ordem das instituições civis e eclesiásticas” (ARAÚJO, p.45). Os valores que norteavam o comportamento eram moldados principalmente por normatizações religiosas. Apesar de não transparecer a vertente religiosa na narrativa, principalmente estando ausente na figura paterna, podemos considerar presente por ser alicerce das convenções de comportamento.

O constrangimento e o comportamento recitado de Ana se estendia a toda família, tinha vergonha de cantarolar frente ao pai e aos irmãos⁹⁴, desejosa de mudar de vida, poder visitar o Rio Pardo, redondezas em que os irmãos iam para venda e compra de produtos, ter alguma diversão, a moça ficava irritada, porém frente ao pai *recalcava a revolta*⁹⁵. Segundo Mary del Priore, o silêncio era algo exigido e ensinado às mulheres,

Mais tarde, aprendiam a ouvir seus bem amados em silêncio, trocando apenas olhares, conversando por meio de gestos, calando os sentimentos, selando

⁹¹ KLIPPEL, Elenice, H. O gaúcho e o forasteiro: relações de oposição na construção da identidade sul-riograndense. **Revista Escrita no Plural**. Osório. V. 1, n. 1, out/2011, p. 4

⁹² VERÍSSIMO, Érico. Ana Terra. In: **O Tempo e o Vento, parte I: O Continente I**. São Paulo: Companhia das Letras. 3ª. Edição, 2004, p. 117

⁹³ ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia. In: DEL PRIORE, M. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2006. p. 45

⁹⁴ VERÍSSIMO, Érico. Ana Terra. In: **O Tempo e o Vento, parte I: O Continente I**. São Paulo: Companhia das Letras. 3ª. Edição, 2004, p.106

⁹⁵ *Ibidem*, p. 132

segredos por um pacto. Do fundo dos corpos, o silêncio urrava! Pois para além do vocabulário, entre palavras e silêncios, aninha-se o desejo. (DEL PRIORE, p. 76).

A obediência não era só exigida das mulheres, mas os filhos deveriam se portar do com o mesmo respeito perante o patriarca. Com a passagem de Rafael Pinto Bandeira, importante comandante de tropas contra invasões castelhanas, um dos filhos Terra expressou a vontade de se juntar à empreitada do capitão, porém Maneco é enfático em afirmar que trabalho de homem não é dar tiro, mas agarrar um cabo de enxada⁹⁶. Podemos notar a diferença entre as vertentes históricas e literárias do Rio Grande do Sul que procuram enaltecer a figura do herói gaúcho e a narrativa de Veríssimo, que, nesse primeiro momento, nas interpretações de Maneco Terra, desconsidera a importância dos homens que peleiam por causa própria de reaver estâncias invadidas por castelhanos.

Ana Terra tinha consciência de seu papel como filha e mulher, seus deveres e valores, mas pensava em Pedro e acabou por ter relações sexuais com o índio, o que a deixou temerosa frente à família, caso viessem a descobrir. Temos assim o momento de transgressão de Ana, por cometer um ato contra a honra da família, do qual ela tem consciência, mesmo assim continua a se encontrar com Pedro. Veríssimo estabelece assim a mulher não como agente passível de sua vida, como se esta fosse apenas guiada pelos valores e comportamentos impostos socialmente pela figura paterna, mas, ciente de seus atos, atuante em sua própria vida. Porém, a situação de Ana se complica ao se descobrir grávida. Para lavar a honra da família, Maneco ordena que seus filhos matem Missioneiro. A moça não tinha o que fazer, no estado em que estava, grávida e solteira, não poderia viver em outro lugar, mesmo frente à ignorância dos homens de sua família e o convívio sob a lembrança da morte de Pedro, Ana então decide continuar a sua vida, “lembrou-se que tinha de lavar roupa – a roupa dos homens que mataram Pedro -, cerzir calças, começar enfim seu dia de trabalho” (VERÍSSIMO, p. 142).

Encontramos na narrativa de *Ana Terra* a transgressão a partir do relacionamento com Pedro Missioneiro, sendo proibido por ser impróprio à uma moça de família e também pela inferioridade conferida ao índio. Porém, a partir de Mary Del Priore, em *História do Cotidiano*, podemos assinalar um contraponto com a perspectiva de Veríssimo quanto à questão do ato sexual fora do casamento. A autora pontua que no período colonial, pela pouca condição financeira da realização de um casamento tradicional, a virgindade não era

⁹⁶ *Ibidem*, p. 106

o forte das noivas⁹⁷. A virgindade só seria valorizada a partir do século XIX com o crescimento dos valores e estilo da vida burguesa⁹⁸. As noções de honra presente nesse momento da narrativa podem ser avaliadas como herdeira da tradição ibérica⁹⁹, em que esta se pauta na pureza sexual e fidelidade da mulher para a honra masculina, por isso o controle imposto à ela e o afastamento do espaço público¹⁰⁰.

O filho que Ana Terra teve com Pedro Missioneiro põe em questão a miscigenação presente na herança rio-grandense. Ana descendente de português, enquanto Missioneiro, filho de uma índia violentada por um castelhano. Um dos irmãos da moça, por sua vez, casou-se com uma moça filha de um colono açoriano. A historiografia do século XX no Rio Grande do Sul se preocupou em estabelecer o conjunto sócio-cultural na formação da identidade gaúcha, se apresentando através de duas matrizes, a lusitana e a platina¹⁰¹. A partir de Ornellas e Vellinho, Carina Almeida aponta as principais divergências entre essas vertentes, sendo platina e lusitana respectivamente.

O Rio Grande do Sul é formado socialmente por diversas origens étnicas, enquanto o historiador Ornellas vê no gaúcho do século XX uma mescla étnica remontando às raízes profundas dos colonizadores desde a Península Ibérica, Vellinho, dentro de suas análises não crê na miscigenação fecunda e vitoriosa a tal ponto de identificar o gaúcho mais próximo dos espanhóis e indígenas do que do português (ALMEIDA, p. 7).

Enquanto Ornellas considera a identidade gaúcha fundamentada no tripé índios, portugueses e castelhanos, Vellinho considera a presença castelhana inconstante e a do índio quase escassa em consequência da sua extinção durante os três séculos de colonização para serem relevantes na constituição da identidade¹⁰². Deste modo, a figura de Pedro Terra, filho de Ana com Missioneiro, representa a herança mestiça da formação da sociedade rio-grandense.

Quando da morte da mãe de Ana, percebemos como o autor emprega a consciência na moça da sina das mulheres, que não está alheia à relação de poder que se estabelece no seu núcleo familiar, assim como reconhece a própria importância para a manutenção dos homens.

⁹⁷ DEL PRIORE. Mary. **História do cotidiano**. São Paulo: Editora Contexto, 2001. P. 35

⁹⁸ *Ibidem* p. 36

⁹⁹ DÓRIA. Carlos Alberto. A tradição honrada (a honra como tema de cultura e na sociedade ibero-americana). **Cadernos Pagu**. V.2, p. 62.

¹⁰⁰ *Ibidem*, p. 63.

¹⁰¹ ALMEIDA. Carina Santos. O debate historiográfico entre Moyses Vellinho e Manoelito de Ornellas. **Revista Spartacus**. Santa Cruz do Sul V.1. 2010, p. 2

¹⁰² *Ibidem*, p. 7

Ana não chorou. Seus olhos ficaram secos e ela estava até alegre, porque sabia que a mãe finalmente tinha deixado de ser escrava [...] não teria mais que cozinhar, ficar horas e horas pedalando na roca, em cima do estrado, fiando [...] Ana olhava para o pai, que se achava ao seu lado. Não sentia pena dele. Agora ele ia ver o quando valia a mulher que Deus lhe dera. Agora teria que se apoiar na nora ou nela, Ana, pois precisava de quem lhe fizesse a comida, lavasse a roupa, cuidasse da casa. Precisava, enfim, de alguém a quem pudesse dar ordens, como uma criada (VERÍSSIMO, p.149).

A partir dessas relações de poder se estabelecem dicotomias muitas vezes de oposição, mas nas relações de trabalho no núcleo familiar aquela se torna complementar. Existem as diferenças baseadas no gênero, ao espaço pertencente a cada um e as atividades, porém estas não são opostas. O autor desconstrói a hierarquização nas relações de trabalho, não conferindo importância maior às atividades referentes aos homens e inferiorizando as atividades domésticas, mas as tornando, dentro de um sistema de relações de poder complementares e necessárias para a manutenção da outra para conferir o bem estar do núcleo familiar.

A morte no capítulo aparece como elemento libertador para as mulheres, não só a morte da Dona Henriqueta para sua própria liberdade, mas a morte dos homens. Com um assalto de castelhanos à estância, em que morrem Maneco e um dos irmãos de Ana, sendo que o outro foi viver no Rio Pardo, a moça se vê sozinha com o filho, a cunhada e a sobrinha a mercê da própria sorte no rancho destruído. Com a passagem de uma carreta que se dirigia a um novo povoado, Santa Fé, povoado iniciado por Ricardo Amaral, Ana Terra vê a possibilidade de um recomeço.

Ricardo Amaral representa uma parcela do povoamento do Rio Grande do Sul, vindo de Laguna assentou-se no Continente e no exército da Coroa Portuguesa contra os índios das Missões, e contra castelhanos de Pedro Ceballos¹⁰³, recebendo do governo terras, criando gado e fazendo lavoura. Diferente de Maneco Terra, Amaral não considerava o trabalho na terra trabalho de homem digno.

Para Ricardo, trabalho manual era para mulher ou para negro. Um homem bem macho devia saber manejar a espada, a lança, a espingarda e a pistola, entender de criação e ser cavaleiro. Não compreendia que se pudessem viver com os pés sempre no chão, agarrado ao cabo duma enxada ou exercendo um ofício sedentário (VERÍSSIMO, p. 170).

¹⁰³ VERÍSSIMO, Érico. Ana Terra. In: **O Tempo e o Vento, parte I: O Continente I**. São Paulo: Companhia das Letras. 3ª. Edição, 2004, p 169

Farto de sesmarias e terras além das léguas permitidas, Amaral resolveu criar um povoado. Alcides Lima aponta que a lei das sesmarias, que concedia três léguas foi desconsiderada, sendo a posse de terra expandida arbitrariamente¹⁰⁴. E nessas terras que Ana construiu seu pequeno rancho, de móvel só a velha roca de Dona Henriqueta, e de pertence a velha tesoura de podar, que serviu para uma nova atividade da moça no novo povoado, assim como Pedrinho e a sobrinha Rosa, a tesoura serviu para o nascimento de várias crianças de Santa Fé, as quais Ana Terra ajudou a dar a luz¹⁰⁵. Com o tempo Ana virou a dona de si, mesmo com o papel de mãe conseguiu viver como precisava. Formou seu rancho, encontrou um ofício e também quando necessário, ela mesmo se incumbia de sua proteção. Como o dia em que um índio coroadado invadiu o rancho e entrou no quarto de Pedro, Ana deu um tiro e acabou matando-o¹⁰⁶.

A sina das mulheres do Rio Grande, além de trabalhar, era esperar, e a dos homens, muitas vezes, morrer na guerra. Pedro Terra já moço, tão sério quanto o avô, foi incumbido de ir pelear contra os castelhanos, deixando a mães e a noiva, Arminda Melo, a esperar e a trabalhar, cuidando daquilo que os homens deixaram para trás. Ana não via lógica na guerra.

Para que tanto campo? Para que tanta guerra? Os homens se matavam e os campos ficavam desertos. Os meninos cresciam, faziam-se homens e iam para outras guerras. Os estancieiros aumentavam as suas estâncias. As mulheres continuavam esperando. Os soldados morriam ou ficavam aleijados (VERÍSSIMO, p 181).

Encontramos na narrativa de *Ana Terra* personagens submetidos a dura realidade do contexto de povoamento do Rio Grande do Sul. A procura de riquezas provindas da terra considerada boa aonde a vastidão era farta de gado levou diversos moradores das capitâneas ao norte para desbravar a terra. Porém, não era só de vacarias que o Continente se fazia. Uma terra disputada pelos lusos e pelos castelhanos, em que já havia moradores nativos, os índios, alguns desses catequisados e civilizados nas Missões, enquanto outros eram bandoleiros. Às mulheres cabia o cuidado e manutenção com a casa e com seus homens, enquanto aos homens cabia a lida da terra e do gado, e prover a segurança. Veríssimo apresenta a família terra submetida as relações de poder de um núcleo patriarcal, em que o patriarca, Maneco Terra, dita a vida da família.

¹⁰⁴ GUILHERMO, Cesar. **História do Rio Grande do Sul, período colonial**. Porto Alegre: Editora Globo, 1970, p. 207.

¹⁰⁵ VERÍSSIMO, Érico. Ana Terra. In: **O Tempo e o Vento, parte I: O Continente I**. São Paulo: Companhia das Letras. 3ª. Edição, 2004, p 174

¹⁰⁶ *Ibidem*, p. 176

Temos na ausência da figura masculina os caminhos percorridos por Ana Terra. Com a morte de Pedro Missioneiro se vê rejeitada pela própria família e em uma condição que não a dava possibilidade de se ver livre. Com a morte do pai e dos irmãos a moça consegue por fim se libertar dos julgamentos e dos mandos de alguém. É na ausência dos homens durante a guerra que as mulheres tomam a responsabilidade pelos negócios da família. Ana Terra representa o pilar de uma linhagem por vir, demonstrando um processo de construção de uma sociedade com heranças culturais diversas, e que luta para se manter frente às adversidades do tempo. Representa também a guardiã da memória, que guarda consigo materiais que perpassam a narrativa seguinte, como a tesoura de sua mãe, o punhal de Missioneiro que é dado a Pedro Terra, e a roca de dona Henriqueta. Como aponta Perrot, as mulheres tinham a prática de preservar e guardar materiais afim de recordações. Ana é apresentada como sujeito da História, mesmo estando numa posição de subordinação, constitui um papel fundamental dentro da narrativa.

4.2 UM CERTO CAPITÃO RODRIGO

O segundo capítulo analisado é *Um certo capitão Rodrigo*, sucessor de *Ana Terra*. Esta narrativa de passa alguns anos depois da morte de Ana Terra, em que os filhos de Pedro Terra e Arminda Melo já são jovens adultos, e, novamente, a chegada de um forasteiro causa conflitos na localidade em que se encontram. Este capítulo é fundamental para entender a importância da manutenção familiar pela continuação da família de Ana Terra, que, constantemente, é relembrada no capítulo, por objetos ou características de seus herdeiros.

O capítulo já se inicia com a figura do forasteiro, novamente aquele que irá causar conflitos na família. O Capitão Rodrigo Cambará chegou à vila de Santa Fé nos anos de 1828, “um dia chegou a cavalo, vindo ninguém sabia de onde” (VERÍSSIMO, p.209). Logo de chegada conhece Juvenal Terra, neto de Ana Terra, que admira com estranheza o recém chegado.

Achava engraçada aquela combinação de bombacha e casaco de soldado. Implicava um pouco com o lenço vermelho. Aquele violão a tiracolo também lhe inspirava desconfiança. Nunca tivera simpatia por homem que vive gauderiando. [...] já começara a achar que ele tinha uma cara simpática. Só o jeito de olhar que não era lá muito agradável: havia naqueles olhos muito atrevimento, muita prosápia e assim um ar de superioridade (VERÍSSIMO, p.121).

Rodrigo era capitão, pois participara de algumas guerras, corria atrás de revolução, diversão e mulher, não assentava estância. Tinha conhecimento dos acontecimentos fervorosos de Portugal, assim como das revoluções guiadas por Bolívar e San Martín. Novamente há um contraste entre o forasteiro e o Terra. Juvenal ouvia atento a história do Capitão, como tinha esperança que a Revolução do Porto, sobre a qual o primeiro nunca tinha ouvido falar, culminasse em uma revolução no Brasil, e a exaltação a heróis de Rodrigo que este também não conhecia seus feitos¹⁰⁷.

Capitão Rodrigo Cambará é a personificação do autêntico gaúcho. Primeiramente, essa denominação se relacionava com o gaudério, o nômade continentano, o trabalho e o estilo social fundamentado pela caça do gado xucro com as pilhagens e contrabando, sendo o gaúcho platino¹⁰⁸. Segundo Guilherme Cesar, este se diferencia do gaúcho rio-grandense, o brasileiro, hierarquizado e em grupo familiar, mas não deixou de ser influenciado pelos platinos. Rodrigo era a figura do herói rio-grandense, que quando necessário se disponibiliza para uma guerra, defende seus ideais e luta por sua terra. Afinal, “Cambará macho não morre na cama” (VERÍSSIMO, p.245). Este estilo de vida causou problemas em seu ideal de permanecer em Santa Fé. Para poder sentar rancho na vila teria que ter a permissão de Coronel Ricardo Amaral, porém a fama de Rodrigo o precedia, tal como homem livre e sem doma, um forasteiro que se difere da população local, não caiu nos agrados do comandante da cidade.

Se vosmecê é potro sem doma, muito bem, é porque não pode viver no meio de tropilha manda. Seu lugar é no campo. Neste potreiro de Santa Fé, moço, só a cavalo manso (VERÍSSIMO, p 252)

Não que estivesse equivocado, porém Rodrigo Cambará era suficientemente teimoso para contrariar as negativas de permanências. Além de querer contrair casamento com Bibiana Terra, também propõe negócio, abrir uma pequena venda com Juvenal Terra, assentando negócio na região.

O capitão não era moço que ganhava fácil admiração dos outros. Pedro Terra foi um dos que não se deu com este. Diferente da vida que sua mãe levou antes de Santa Fé, Pedro trabalhava arduamente para que a filha não precisasse trabalhar feito uma escrava¹⁰⁹, assim como não insistia com a moça para contrair casamento com Bento Amaral. A

¹⁰⁷ VERÍSSIMO, Érico. Um certo capitão Rodrigo. In: **O Tempo e o Vento, parte 1: O Continente I**. São Paulo: Companhia das Letras. 3ª. Edição, 2004, p. 222

¹⁰⁸ GUILHERMO, Cesar. **História do Rio Grande do Sul, período colonial**. Porto Alegre: Editora Globo, 1970, p. 82

¹⁰⁹ VERÍSSIMO, Érico. Um certo capitão Rodrigo. In: **O Tempo e o Vento, parte 1: O Continente I**. São Paulo: Companhia das Letras. 3ª. Edição, 2004, p.225

diferença que encontramos entre a posição de Pedro Terra e a de seu avô são consideráveis, sentia alegria por ter sua filha e também preocupação em que esta se casasse logo, a preocupação que tinha era voltada para a o bem da própria filha e não para ele mesmo. Vemos ainda a importância de figura da Ana Terra para o seu filho, Pedro Terra, ela tinha sido sua conselheira e apoio, assim, Veríssimo confere importância à figura materna ao que se refere a exemplos e valores¹¹⁰. Sua filha, Bibiana Terra, tinha um quê de teimosia e orgulho que lhe lembrava o avô, mas também tinha um resquício de Ana Terra, principalmente no trato desconfiado com os homens¹¹¹. Também tinha de sua avó o mesmo constrangimento frente ao desconhecido. Ao ver Rodrigo Cambará pela primeira vez, Bibiana

Sentiu uma coisa esquisita: primeiro foi surpresa, depois constrangimento. Suas orelhas e faces começaram a arder. [...] seu corpo foi tomado de uma sensação estranha, uma espécie de medo de que ele lhe viesse falar. Era também uma cócega quente, como se aquelas formigas todas lhe estivessem asseando pelo corpo (VERÍSSIMO, p.228).

Porém Pedro Terra não gostara do homem, e Bibiana não compreendia porque e recordava as explicações da avó. Percebemos através dessas recordações algumas características imputadas aos homens, como a brutalidade, a guerra, a briga o jogo e a bebida, e para as mulheres o melhor era desistir de entendê-los e continuar obedecendo e esperando¹¹². Com essas características percebemos como Veríssimo emprega aos homens características que os definham na moral enquanto o resguardo das mulheres as confere valor e continuidade, representando a personalidade como uma dicotomia de oposição.

Outra característica marcante do capitão era a sua atração e excitação pelas mulheres. Ao se deparar com Bibiana reparou e imaginou seus seios, via a casa dos Terra e imagina sua feição e seu corpo. A volúpia do homem era considerável que até levou a mulher do dono da hospedaria que estava, a do seu Nicolau, para a cama¹¹³. Mesmo assim, percebeu que seu sentimento pela filha de Pedro crescia, além da atração carnal, agora sentia ternura. Percebe-se que Rodrigo Cambará não achava que o amor romântico era coisa de homem, mas o que sentia pela moça era isso mesmo.

Porque sempre lhe parecera que o único amor digno dum homem era esse que apenas pede cama. O amor de fazer ou cantar versos e mandar flores, esse amor

¹¹⁰ *Ibidem*, p. 232

¹¹¹ *Ibidem*, p. 226

¹¹² *Ibidem*, p. 236

¹¹³ *Ibidem*, p. 249

de doer no peito, de dar saudade era amor de homem fraco (VERÍSSIMO, p.262).

A transgressão no relacionamento de Rodrigo Cambará e Bibiana Terra não ocorre de forma mascarada e proibida do modo que Ana Terra, mas estabelece conflitos na sociedade e no núcleo familiar. A transgressão de Bibiana é o confronto com o pai, que insiste que um possível casamento entre a moça e o capitão a deixaria infeliz, assim como ele próprio.

Parece que é sina um de nós ficar triste. Veja só, papai. Se eu me caso com ele, vosmecê fica triste, mas eu fico alegre. Se vosmecê me proíbe de casar, não caso, mas fico triste, e me vendo sempre triste vosmecê vai ficar triste e a mamãe também. Não é melhor só um triste em vez de três? (VERÍSSIMO, p. 297).

Com o enfrentamento, Veríssimo coloca a mulher como agente ativo de suas ações e vontades, que tem capacidade moldar o seu caminho, confere-lhe voz sem desconsiderar no entanto os desejos do pai, como cabe a uma moça a obediência, porém não deixa de exprimir seus sentimentos.

Vemos em Bibiana casada o papel de dona de casa feliz. Para a moça, lavar a roupa do marido, cozinhar para ele, preparar o enxoval eram pequenas alegrias¹¹⁴. Podemos perceber que Bibiana é colocada no espaço doméstico entendido como pertencente a ela, mas nem por isso se torna um lugar inferior ou de desagrado por ser da vontade dela estar lá exercendo a função que cabia às mulheres nesse período. Diferente de sua avó, Bibiana estava aonde queria estar, fazendo o que queria, e não se sentia obrigada ou presa a sua sina de mulher. Para ela, ter sua casa e seu marido era ter sua liberdade. O pai sempre fora muito quieto, sério e cauteloso com a menina para que não caísse na boca do povo¹¹⁵. Porém a vida de casado e de comerciante para o capitão não foi de felicidade duradoura, resolvendo ir ao Rio Pardo buscar mercadoria.

Rodrigo queria um pretexto para se ausentar de casa por uns dois ou três meses, para evitar de ver a mulher naquele estado [grávida]. Essa era uma das razões pelas quais insistia em fazer a viagem. A outra, mais poderosa, era o desejo de correr o mundo [...] acontecia também que no Rio Pardo Rodrigo poderia procurar chinas (VERÍSSIMO, p.303).

Rodrigo Cambará era um homem livre, o seu mundo ideal teriam guerras, sendo estas divertimento de homem, não haveria o casamento, os homens poderiam ter quantas

¹¹⁴ *Ibidem*, p. 299.

¹¹⁵ *Ibidem*, p. 301

mulheres quisessem. Percebemos que aos homens cabe a liberdade, assim como o desejo da mesma. Pela figura de Rodrigo, Veríssimo confere ao homem a personalidade guerreira e livre, O padre de Lara, que sempre conversava com Rodrigo, descrevia o moço de uma forma em que ele mesmo concordava.

Noutras palavras, capitão, seu desejo mesmo é andar corendo pelo mundo, sem pouso certo, sem obrigação marcada, agarrando aqui e ali uma mulher como quem apanha fruta em árvore de beira de estrada... de vez em quando uma partidinha de truco ou de solo, um joguinho de osso, umas carreiras e, para variar, uma peleia... não é isso? (VERÍSSIMO, p. 309).

Mas Rodrigo também era homem bom e justo, pelo menos quanto aos escravos, acreditava que os homens não deveriam ser rebaixado por homens, não deveria agredir os mais fracos nem uma mulher¹¹⁶.

Rodrigo é apresentado sem dúvida como um homem atraente, não só de físico, mas de simpatia, aparece como a figura de um herói, que defende seus ideais, que tem amor pela sua mulher e por mulheres, porém não deixa de ser desmistificado por Veríssimo. O caráter de Rodrigo se degenera com o tempo. Além das traições em sua viagem assim como num rancho ali próximo com a neta de uma velha índia, depois com uma alemã, filha de um colono recém chegado a vila, ainda era dado a bebida, ao jogo e a aposta¹¹⁷. E Bibiana se entristecia com todas essas mudanças, sabia das traições, mas não se importava, contanto que o marido voltasse para casa, aceitaria a sua infidelidade.

Bibiana, tal qual Ana Terra, aprendeu que sina de mulher era esperar. Rebentou em 1835 a Revolução, e Rodrigo Cambará partiu para a peleia, deixando a esposa esperando seu retorno. Mesmo com a guerra se aproximando de Santa Fé e sem notícias do capitão, Bibiana permaneceu esperando. Esperou até a sua volta, ora, o capitão voltara para casa, mas morrera em Santa Fé ao tomar o casarão dos Amaral. Mas para Bibiana “podiam dizer o que quisessem, mas a verdade era que o capitão Cambará tinha voltado para casa” (VERÍSSIMO, p. 364).

¹¹⁶ *Ibidem*, p. 312

¹¹⁷ *Ibidem*, p. 31

5. CONCLUSÃO

Percebemos que o Romance Histórico, esse gênero que passeia entre a História e a Literatura, possibilita a interação entre os campos reforçando ideais e inserindo diferentes personagens ao percurso histórico. Érico Veríssimo, através de *O Tempo e o Vento*, insere na História do Rio Grande do Sul a figura da mulher como personagem essencial da formação da sociedade, como agente atuante dessa construção. Érico Veríssimo nos mostrou, através de sua obra que é possível construir uma narrativa pautada nos eventos históricos que sejam perpassados e narrados através de personagens ficcionais, nesse caso com a linhagem da família Terra-Cambará e as pessoas envolvidas em seu círculo.

Os contatos sociais e os espaços de sociabilidade em que o autor se inseriu durante sua permanência em Porto Alegre nos anos de 1930 até a publicação de seu livro em 1949 foram importantes para a construção de sua narrativa, auxiliando a desenvolver sua crítica social e reflexão histórica quanto a História de sua terra e a construção da identidade de seu povo. O contato com membros de uma instituição que legitima a História e a Memória rio-grandense, como representantes do IHRGS, deram crédito a construção da narrativa histórica presente em *O Tempo e o Vento* e as linhas de investigação e desenvolvimento.

A configuração de uma História rio-grandense em que se busca um passado heróico com personagens consagrados influenciou o meio literário e social, que enalteceu a figura do homem gaúcho como principal formador da sociedade, cultura e identidade do estado. Vemos na literatura de Veríssimo, a partir dos capítulos aqui analisados, *Ana Terra* e *Um certo capitão Rodrigo*, o enfoque na figura feminina na construção dessa narrativa como agente participante desse processo histórico, sendo representada como provedora do bem-estar e sobrevivência da família e de sua memória, e também como uma figura que, na ausência do homem, tem importância para prover e sustentar a família. As funções sociais baseadas no gênero são especificadas durante a obra, assim como as mulheres, os homens também tem o propósito a servir.

Durante a narrativa Veríssimo concede às mulheres força para sobreviver no contexto que lhe são imputados, como o isolamento dos primeiros momentos de povoamento do Rio Grande em *Ana Terra*, e em seguida com a consolidação de vilas. Ao representar os homens e as mulheres, Veríssimo não desconsidera as relações de poder consolidadas pela sociedade colonial patriarcalista. Os homens são representados como chefes do núcleo familiar, que ditam as regras e estabelecem o tipo de comportamento

apropriado ao lar. As mulheres por sua vez são representadas como obedientes e por vezes resignadas em sua sina, porém, nem por isso deixam de ter um papel social importante, assim como suas atividades domésticas não são consideradas como algo sem valor.

Cada gênero está alocado em uma função específica que não são excludentes. Ao homem cabe o campo e a guerra, a mulher o lar. Essas atividades se complementam na medida em que os homens necessitam do bem estar provido pelas mulheres com a higiene, a comida, a manutenção do lar, enquanto a casa necessita do subsídio do campo, da renda, e da proteção. Assim, as relações de trabalho se tornam recíprocas, e as atividades femininas, que por estarem alocadas no campo privado forma rejeitadas como úteis a sociedade pela história até o século XX, são representadas como essenciais para a permanência do modo de vida. Ainda alocadas num contexto de intensos conflitos territoriais, em que a presença do homem é inconstante, a mulher se torna fundamental para a fluência dos negócios e trabalhos masculinos.

Outro ponto importante empregado às figurações femininas é a transgressão. Ana Terra confronta a própria honra e da família ao se relacionar com Pedro Missioneiro, enquanto Bibiana estabelece esse confronto ao permanecer em sua convicção de casar com Rodrigo Cambará, mesmo a contra gosto do pai. Ambos os atos transgressores tem por pivô uma figura masculina com uma especificidade igual: o forasteiro. É a figura do homem diferente, que quebra com os valores e costumes vivenciados, que despertam nas mulheres um sentimento de estranheza, de vergonha e de desejo. Veríssimo apresenta assim as mulheres como sujeitos que sentem e que agem, e assim moldam o curso da história.

As mulheres também são representadas pela permanência. Constantemente estão a espera de algo ou de alguém. Esperam as mudanças da vida, a volta de seus homens, ou apenas esperam, e também permanecem porque são detentoras da sobrevivência e da memória. Com elas se mantém a família, que converge para a figura feminina, que se encontra unida dentro do espaço que cabe a elas, e que continua na memória, que se torna guardiã dessa, a partir de recordações materiais e imateriais. Percebe-se que as narrativas são rememorações das mulheres, e, além da linhagem, o que relaciona os dois capítulos analisados são objetos, como a tesoura de podar de Dona Henriqueta que tem utilidade para o parto dos filho de Bibiana, assim como a roca, que serve de instrumento de trabalho para a mesma. E o punhal de Missioneiro, que é passado aos homens da família por Ana Terra. Os homens são representantes da degeneração e da ausência, a partir de suas atitudes os homens vão corroendo as relações e desestabilizando o núcleo familiar. Os familiares de

Ana Terra se tornam assassinos e excluem a moça de seu convívio, enquanto Rodrigo Cambará se volta para os prazeres da vida desprezando a vida ao lado da mulher. Os homens também se tornam ausentes por causa da guerra, perpetrando na figura da mulher a responsabilidade de assumir o seu posto, mas estão ausentes também por causa da morte, essa sempre prematura. Com essa ausência eles moldam a vida das mulheres, os seus destinos. Porém a história não acaba com a morte dos homens, mas continua com a presença das mulheres, que se mostram capazes de viver com autonomia, sem a tutela dos homens, visto como algo indispensável para elas.

As mulheres Terra são apresentadas como mulheres de convicção. Ana Terra se encontra sem apoio da família, sem marido e com um filho, e decide viver, cumprir seu papel de mãe e de filha. Depois da morte da família toma as rédeas da própria vida e decide reconstruir sua vida em outro lugar. Bibiana é convicta quanto a sua relação com o capitão. Toma conhecimento de suas traições, de seus defeitos, convive com isso e aceita pelo amor que sente por ele, não se importando com o que os outros falassem sobre o marido, tinha convicção que estava no lugar que deveria e que queria estar.

O autor desmistifica a imagem do homem rio-grandense dos séculos XVIII e XIX que são resgatados pela cultura do século XX como o pilar da construção da sociedade, dos valores e da identidade do Rio Grande do Sul. Apresenta a mulher como agente de manutenção e de consolidação da família, é a continuidade da mesma, que relaciona o passado com o presente através da conservação da memória, que se mantém diante das adversidades do tempo e espaço. Veríssimo traz a tona assim o âmbito privado como importante para a constituição de um espaço público, sendo que cada um cabe a um gênero, o feminino e masculino respectivamente. As narrativas apresentam a história de uma família e suas relações internas e como elas se perpetuam no espaço público. Assim, autor insere na História o âmbito privado e o sujeito que nesse se encontra, a mulher, como partícipe da História do Rio Grande do Sul, que é influenciado sim pelo espaço público, as políticas, a religião, as convenções sociais, as guerras, mas que representa a constância, a permanência, assim, a continuidade de núcleo social, de uma memória, essenciais para a construção de uma sociedade.

6. FONTES

VERÍSSIMO, Érico. Ana Terra. *In: O Tempo e o Vento, parte 1: O Continente I*. São Paulo: Companhia das Letras. 3ª. Edição, 2004.

VERÍSSIMO, Érico. Um certo capitão Rodrigo. *In: O Tempo e o Vento, parte 1: O Continente I*. São Paulo: Companhia das Letras. 3ª. Edição, 2004.

7. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALMEIDA, Carina Santos. O debate historiográfico entre Moyses Vellinho e Manoelito de Ornellas. **Revista Spartacus**. Santa Cruz do Sul V.1. 2010.

ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia. *In*: DEL PRIORE, M. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

BOEIRA, Lucine Fernandes. Quando historiar é inventar a nação: uma reflexão sobre o espaço de atuação do Instituto Histórico Geográfico da Província de São Pedro na construção da ideia de nação brasileira no século XIX. *In*: **A Margem – estudos**, Uberlândia, ano 1, n.1.

BORGES, Gisele do Rocio. Análise da figuração feminina em O tempo e o vento de Érico Veríssimo. **Eletras**, vol. 18, n.18, jul.2009.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990. Coleção Memória e Sociedade.

_____. **À beira da falésia**. A história entre certezas e inquietudes. 1ª.ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS. 2002.

CHAVES, F.L. **Érico Veríssimo: realismo e sociedade**. Porto Alegre: Mercado aberto, 2ª. Ed. 1981.

DA SILVA, Elza. E.M.Q. **Pensando as Fronteiras e as Identidade na obra de Érico Veríssimo: O Continente (1949)**. Dissertação (mestrado em História) - Setor de Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2003.

DEL PRIORE, Mary. **História do cotidiano**. São Paulo: editora Contexto, 2001.

ESTIMA, Vinícius Marques. **A História literária do Rio Grande do Sul, de Guilherme Cesar: o inventário do período de formação da literatura sul-rio-grandense**. Dissertação (mestrado em Letras) Pós Graduação em História da Literatura da FURG, Rio Grande, 2009.

DÓRIA, Carlos Alberto. A tradição honrada (a honra como tema de cultura e na sociedade ibero-americana). **Cadernos Pagu**. V.2, PP.47-111. 1994.

FACINA, Adriana; SOIHET, Rachel. Gênero e Memória: algumas reflexões. **Revista Gênero**. V.5, v.1. PP. 9-19. Niterói, 2004.

FILHO, Arthur Ferreira. **História Geral do Rio Grande do Sul, 1503-1964**. 3ª. Edição, Porto Alegre: Editora Globo, 1965.

- GUILHERMO, Cesar. **História do Rio Grande do Sul, período colonial**. Porto Alegre: Editora Globo, 1970.
- GUIMARÃES, Manuel.L.S. **Historiografia e nação no Brasil 1838-1857**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ. 2011.
- KLIPPEL, Elenice, H. O gaúcho e o forasteiro: relações de oposição na construção da identidade sul-rio-grandense. **Revista Escrita no Plural**. Osório. V. 1, n. 1, out/2011
- LUKÁCS, Gyögy. **O Romance Histórico**. 1ª. Ed. São Paulo: Boitempo editorial. 2011
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Editora Vozes. 6º. Edição. Petrópolis, 2003.
- MORAIS, Julierme . Os estudos históricos sob investigação: panorama das vicissitudes interpretativas do debate acerca da história como verdade ou ficção. **História e-História**, v. s/n, p. s/n-s/n, 2008.
- MARQUEZ, Rodrigo Oliveira. **Teoria da História: Hayden White e seus críticos**. Dissertação (Mestrado em História).Universidade de Brasileira. 2008.
- MOSCATELI, Renato. Um redescobrimto historiográfico do Brasil. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 5, 2000
- PERROT, Michelle. Práticas da Memória Feminina. **Revista Brasileira de História**. V.9 n.18 pp 9-18. São Paulo, 1989.
- _____. **Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros**. 4º. Edição. Paz e Terra: São Paulo. 2006
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Erico Veríssimo: encontros e desencontros da ficção com a história**. in: Revista USP, São Paulo, n. 68, PP 270-273. 2005/2006.
- _____. **Fronteiras da ficção: diálogos da história e literatura**. In: Revista História das Ideias. V.21, PP.33-57. Portugal. 2000.
- _____. **História do Rio Grande do Sul**. 8º edição. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.
- _____. **Literatura, História e Identidade Nacional**. In: Revista Vidya, UNIFRA, Santa Maria. V.33. Brasil.2000.
- _____. **Mulheres e história: a inserção da mulher no contexto cultural de uma região fronteira (Rio Grande do Sul, Brasil)**. In: Travessia. n. 23, PP 54-72. Santa Catarina. 1991.
- PUGA, Miguel. **O Essencial sobre o romance histórico**. Imprensa Nacional da Casa da Moeda, 2006.

SILVEIRA, Daniela Oliveira. **“o passado está prenhe do futuro”**: a escrita da história no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (1920-30). Dissertação (mestrado em História) Pós-graduação no Instituto de filosofia e ciências humanas da UFRGS. Porto Alegre, 2008.

SOPELSA, Renata. “Aquerenciados em um novo rincão”: migrantes e o culto às tradições gaúchas na cidade de Ponta Grossa – PR. Curitiba, 2005.

VERÍSSIMO, Érico. **O Tempo e o Vento, parte 1: O Continente I**. São Paulo: Companhia das Letras. 3ª. Edição, 2004.

_____. **Breve história da literatura brasileira**. São Paulo: Editora Globo. 1995.

VEYNE, Paul. **Como se Escreve a História**. Edição 70. Lisboa.

WHITE, Hayden. **El texto histórico como artefacto literário y otros escritos**. Barcelona: Ediciones Paidós, 2003.

_____. **Meta-História, a imaginação histórica do século XIX**. São Paulo: EDUSP. 2ª. Edição. 2005.

ZILBERMAN, Regina. **História, mito e literatura**. In: BORDINI, M.G; _____, O tempo e o vento: história, invenção e metamorfose. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2004.

ZILBERMAN, Regina. **O tempo e o vento revisado**. In: BORDINI, M.G; _____, O tempo e o vento: história, invenção e metamorfose. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2004.

ZILBERMAN, Regina. **Um romance para todos os tempos**. In: VERÍSSIMO, Érico. O Tempo e o vento: O continente. V.1. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.